



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA

JERLAN PEREIRA BATISTA

**A Variação Lexical em Libras em Três Municípios do Estado de Alagoas**

MACEIÓ – AL  
2020



JERLAN PEREIRA BATISTA

**A Variação Lexical em Libras em Três Municípios do Estado de Alagoas**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Linguística na linha de pesquisa em Teoria e Análise Linguística.

Orientador: Prof. Dr. Adeilson Pinheiro Sedrins

MACEIÓ – AL

2020

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

B333v Batista, Jerlan Pereira.

A variação lexical em Libras em três municípios do estado de Alagoas /  
Jerlan Pereira Batista. – 2020.

112 f. : il.

Orientador: Adeilson Pereira Sedrins.

Dissertação (mestrado em Linguística e Literatura) – Universidade  
Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em  
Linguística e Literatura. Maceió, 2020.

Bibliografia: f. 77-80.

Apêndice: f. 81-85.

Anexos: 86-112.

1. Língua brasileira de sinais. 2. Lexicologia. 3. Língua brasileira de sinais  
- Regionalismos - Alagoas. I. Título.

CDU: 81'221.24(813.5)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
ALAGOAS FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E  
LITERATURA



## TERMO DE APROVAÇÃO

**JERLAN PEREIRA BATISTA**

Título do trabalho: “A VARIAÇÃO LEXICAL EM LIBRAS EM TRÊS MUNICÍPIOS DO ESTADO DE ALAGOAS”

Dissertação aprovada como requisito para obtenção do grau de MESTRE em LINGUÍSTICA, pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas, pela seguinte banca examinadora:

Orientador:

Prof. Dr. Adeilson Pinheiro Sedrins (PPGL/Ufal)

Examinadores:

Profa. Dra. Dorothy Bezerra Silva de Brito (UFRPE)

Prof. Dr. Jair Barbosa da Silva (PPGL/Ufal)

Maceió, 18 de agosto de 2020.

## AGRADECIMENTOS

A Deus toda minha gratidão! Foram inúmeros obstáculos no decorrer de toda minha jornada, mas Ele não me deixou desistir, esteve comigo me dando força, guiando-me, para que eu alcançasse mais essa conquista. Não foi fácil, mas eu venci mais uma batalha.

Agradeço aos meus amados pais Maria de Fátima Pereira e Geraldo Batista por tanto amor concedido a mim, carinho e educação que me deram, pois eu sei o tanto da dificuldade que eles passaram em suas vidas, inclusive já passaram fome, nunca tiveram a oportunidade de estudar, mas fizeram de tudo para me oferecer e me dar o melhor.

A minha querida irmã Jaqueline Pereira Batista, em que tenho a satisfação pelo convívio fraternal, mesmo distante fisicamente, obrigado por sempre acreditar em mim e “puxar minha orelha” em momentos precisos.

Agradeço a minha amada esposa Taciana Grigório da Conceição Pereira, minha companheira que sempre me deu todo o apoio necessário e que vivenciou de perto todas as minhas angústias e satisfações durante esse período, ao meu amado filho Arthur Vinicius Grigório Pereira que sofreu com a minha ausência nesse momento de formação acadêmica. Foram eles meu combustível diário para eu querer sempre mais.

Ao Prof. Dr. Jair Barbosa da Silva pela sua disponibilidade de ser meu orientador a princípio, que acreditou em mim e me fez acreditar na importância desse estudo para Comunidade Surda e que mesmo não estando comigo até o presente momento, contribuiu bastante nesse processo.

Ao meu atual orientador Prof. Dr. Adeilson Pinheiro Sedrins, pois foi através do Prof. Dr. Jair Barbosa que o conheci, sou imensamente grato, por me aceitar como orientando, pela paciência diante dos meus erros naturais, uma vez que somos eternos aprendizes, além dos ensinamentos e todas as contribuições nesse processo de aprendizagem.

Ao Thiago Bruno de Souza Santos que me ajudou imensamente, pelas palavras de incentivo me motivando para persistir.

Também gostaria de agradecer a tradutora, Nadia Maria Fonseca Campos Ribeiro, que prestou um serviço de excelência, me auxiliando também a refletir ainda mais sobre

língua portuguesa, mesmo com suas várias atividades, aceitou de pronto o desafio, com comprometimento e paciência para a finalização deste trabalho.

E não podia esquecer de agradecer a todos os Intérpretes que também se fizeram presentes durante toda a minha jornada nesse processo e todas as contribuições e motivações para que eu pudesse chegar até esse momento.

Por fim, aos meus amigos, que são muitos, não ousou a escrever nome por nome, pois sei que esqueceria o nome de algum e a toda comunidade surda, essa vitória também é de vocês.

*“Para alguns: ignorância, para outros riqueza de vocabulário...”*

*Depende a forma de preconceito com que analisamos...”*

***Oscar de Jesus Klemz***



## RESUMO

Este trabalho se apresenta como uma investigação sobre a variação lexical existente em três municípios de Alagoas, Maceió, São Miguel dos Campos e Arapiraca, com uma análise sobre as variáveis externas sexo, escolaridade e região. A pesquisa surge da necessidade de estudos na área da sociolinguística sobre a Libras, sobretudo em Alagoas, no que diz respeito às variações lexicais existentes num mesmo estado. Como teoria de base, utilizamos os pressupostos da Teoria da Variação Linguística. Como instrumento de análise, nos amparamos no modelo de parâmetros de Stokoe (1960) e mais especificamente nos estudos de Faria-Nascimento (2009) sobre a Libras. Metodologicamente, Seguimos a metodologia proposta por Labov (1972), com uma estratificação a partir das variáveis sexo, escolaridade e região. Desta forma, 12 surdos participaram da pesquisa, 4 por município, 6 homens e 6 mulheres, 6 surdos cursando ensino médio e 6 surdos cursando ou tendo concluído o ensino superior. A coleta foi gravada em ambientes comuns aos participantes, em suas casas ou na escola em que estuda, e o gênero entrevista foi utilizado para a coleta. 5 itens foram analisados: AMENDOIM, em que 6 variantes foram produzidas pelos surdos, CENTRO (da cidade), com 5 variantes produzidas, GOIABA, com 5 variantes produzidas, MARACUJÁ, com 4 variantes e PONTO DE ÔNIBUS, com 4 variantes produzidas. Quanto aos resultados para a análise quantitativa levando em conta as variáveis externas, vimos que não há diferenças entre a produção lexical de homens e mulheres nem entre surdos de ensino médio e superior. Concluímos, portanto, que as variáveis sexo e escolaridade não interferem na produção lexical dos surdos dos três municípios. Quanto à variação regional, como resultados mais significativos, vimos que, exceto em GOIABA, todos os outros itens apresentaram variantes diferentes, por região, ou seja, os falantes de Maceió sempre produziram uma variante diferente de São Miguel e de Arapiraca, e de São Miguel sempre produziram variantes diferentes de Maceió e Arapiraca, sobretudo nos itens MARACUJÁ em que todos os surdos de Maceió produziram a variante com a mão no peito, todos falantes de São Miguel produziram a variante com o sinal correspondente a SONO e 3 dos quatro surdos de Arapiraca produziram o sinal com a mão apontando as sementes, assim como em PONTO DE ÔNIBUS, em que todos os falantes de Maceió produziram a variante correspondente a uma placa, todos os falantes de Arapiraca produziram um sinal com um classificador de uma banco com cobertura e os surdos de São Miguel produziram sinais representando uma cobertura sobre a cabeça, dois de forma isolada e dois em composição com outro sinal.

**Palavras-chave:** Libras, Variação Lexical, Variação regional, Alagoas

## ABSTRACT

This paper aims to investigate lexical variants in three cities in the Brazilian state of Alagoas: Maceió, São Miguel dos Campos and Arapiraca, with gender, level of school instruction and location as external variables. The research stems from the need of further studies in sociolinguistics regarding Libras (Brazilian sign language), especially in Alagoas, as far as existing lexical variants in the same state are concerned. We use the precepts of Linguistic Variation as our main theory. As for analysis, the parameter model of Stokoe (1960) was used, and studies on Libras by Faria-Nascimento (2009) were used. We follow the studies of Labov (1972) as methodology, stratifying data by gender, level of instruction and location. This way, participants included 12 deaf individuals, 4 for each city, 6 males and 6 females, 6 in high school and 6 others in higher education, complete or incomplete. Data was recorded in usual environments for participants, in their homes or schools, via interviews. Five lexical units have been analysed: PEANUTS, in which six variants were performed by the deaf, (city) CENTER, with five variants, GUAVA, five variants found, PASSION FRUIT, four variants and BUS STOP, also with four variants. In a quantitative analysis, taking external variables into account, we spotted no difference between men and women or between those with low or high levels of instruction. We conclude that gender and level of instruction do not interfere in the lexis of the individuals researched in the three cities. The variant location brought more significant results, since that all items except GUAVA yielded diverse variants by region, that is, speakers in Maceió Always produced a diferente sign than those from São Miguel and Arapiraca, and those from São Miguel Always produced different signs than people in Maceió and Arapiraca, especially in the item PASSION FRUIT in which all deaf from Maceió used the hand in breast variant of the sign, all speakers from São Miguel used the variant which is similar to the SLEEP sign, and three out of four from Arapiraca performed the sign pointing to the fruit seeds, and also in BUS STOP, in which while all participants from Maceió performed a variant similar to that of a traffic sign, all from Arapiraca performed the sign as a bench with a canopy and those from São Miguel performed it as an overhead cover, two of them by itself and other two in conjunction with another sign.

**Keywords:** Libras, Lexical variation, Regional variation, Alagoas

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Tipos de configuração de mão na Libras.....	29
Figura 2 - Sinal triste .....	34
Figura 3 - Sinal de trabalhar .....	34
Figura 4 - Sinal de TRABALHAR .....	36
Figura 5 - Sinal de ÁGUA .....	36
Figura 6 - Sinal de IR.....	37
Figura 7 - Sinal de VIR.....	37
Figura 8 - Língua oral versus gestos .....	39
Figura 9 - Sinal de Moto .....	44
Figura 10- Sinais em ASL.....	48
Figura 11 - Sinal de mesa.....	48
Figura 12 - Exemplo de captura de sinal .....	52
Figura 13 - CENTRO .....	53
Figura 14 - PONTO DE ÔNIBUS .....	53
Figura 15 - MARACUJÁ .....	53
Figura 16 - GOIABA .....	53
Figura 17 - AMENDOIM .....	54
Figura 18 - Variação na direção do movimento em GOIABA.....	55
Figura 19 - Variação lexical no sinal AMENDOIM .....	56
Figura 20 - Sinal para AMENDOIM segundo o dicionário Fernando C. Capovilha.....	58
Figura 21 - Sinal CIDADE em Libras segundo o dicionário Fernando C. Capovilha .....	61
Figura 22 - Sinal em Libras CENTRO DA CIDADE segundo o dicionário Fernando C. Capovilha .....	62
Figura 23 - Sinal GOIABA em Libras, segundo o dicionário Fernando C. Capovilha.....	64
Figura 24 - Sinal para MARACUJÁ em Libras, segundo o aplicativo Hand talk.....	67
Figura 25 - Sinal de Maracujá .....	67
Figura 26 - Sinal para SONO em Libras, segundo o dicionário Fernando C. Capovilha.....	68

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Sinais de representação .....	42
Gráfico 2 - VS Amendoim.....	73
Gráfico 3 - VS Centro.....	73
Gráfico 4 - VS Goiaba.....	73
Gráfico 5 - VS Maracujá.....	73
Gráfico 6 - VS Ponto de ônibus .....	73
Gráfico 7 - VE Amendoim.....	74
Gráfico 8 - VE Centro.....	74
Gráfico 9 - VE Goiaba.....	74
Gráfico 10 - VE Maracujá.....	74
Gráfico 11 - VE Ponto de Ônibus .....	75
Gráfico 12 - VR Amendoim .....	75
Gráfico 13 - VR Centro.....	76
Gráfico 14 - VR Goiaba .....	76
Gráfico 15 - VR Maracujá .....	76
Gráfico 16 - VR Ponto de ônibus.....	77

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Variação de Centro.....	17
Quadro 2 - Pontos de articulação na Libras .....	32
Quadro 3 - Distinções no ponto de articulação .....	33
Quadro 4 - Tipos de movimento em ordem.....	35
Quadro 5 - Códigos dos participantes.....	51
Quadro 6 - Variantes.....	57
Quadro 7 - Variantes do sinal CENTRO .....	60
Quadro 8 - Variante do sinal de GOIABA.....	63
Quadro 9 - Variante do sinal de MARACUJÁ .....	66
Quadro 10 - Variante do sinal de PONTO DE ÔNIBUS .....	69

## **LISTA DE SIGLAS**

ARA- Arapiraca

ASAL - Associação de Surdos de Alagoas

ASL - American Sign Language

BSL - Língua de Sinais Britânica

CM - Configuração da mão

EM - Ensino médio

H - Homem

LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais

M - Mulher

MCZ - Maceió

SAO - São Miguel dos Campos

SU - Superior

VE - Variável escolaridade

VR - Variável regional

VS - Variável sexo



## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	16
2 TEORIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA .....	19
2.1 A língua de sinais .....	24
3 PARÂMETROS.....	28
3.1 Configuração das mãos.....	29
3.2 Ponto de articulação .....	31
3.3 Movimento.....	34
3.4 Orientação e/ou direcionalidade.....	36
4 A ESTRUTURA LEXICAL DAS LÍNGUAS DE SINAIS .....	38
4.1 Léxico não nativo.....	40
4.2 Léxico nativo .....	40
4.3 Léxico nativo nuclear .....	40
4.4 Léxico nativo não-nuclear .....	41
4.5 Espaço .....	42
4.6 Movimento.....	44
4.7 Configuração de mão.....	45
4.8 O processo de Lexicalização.....	47
5 METODOLOGIA .....	50
5.1 Seleção dos participantes .....	50
5.2 A coleta de dados .....	51
5.3 Tratamento e Análise dos dados .....	54
6 ANÁLISE DOS DADOS .....	55
6.1 A descrição dos dados linguísticos.....	55
6.2 Análise sociolinguística dos dados.....	71
6.3 A experiência de coleta de dados linguísticos da Libras .....	71
6.4 Variáveis sociais .....	72
6.5 Variável Sexo.....	72
6.6 Variável Escolaridade.....	74
6.7 Variável regional.....	75
6.8 Resultados gerais.....	77
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	78



REFERÊNCIAS .....	79
APÊNDICE: Variáveis sinais .....	83
ANEXO I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido .....	88
ANEXO II – Ficha Social do Informante.....	91
ANEXO III – Registos de entrevistas três municípios.....	95
ANEXO IV: Imagens – Google.....	113

## 1 INTRODUÇÃO

A Constituição Federal de 1988, além de representar um marco para a democracia no Brasil, estabelece como língua oficial a língua portuguesa. Apenas a partir do ano de 2002, a Língua Brasileira de Sinais, LIBRAS, foi oficialmente reconhecida língua de expressão da comunidade surda, através da promulgação da Lei 10.436, de 24 de abril de 2002. Essa data é, portanto, significativa para as pesquisas sobre a Libras no Brasil, que se intensificaram com o reconhecimento da língua. A partir de então, observa-se um crescente avanço no alcance e no uso da Libras, a língua da comunidade surda brasileira. Essa ampliação deve-se, em grande parte, às políticas adotadas a nível federal, voltadas à disseminação da Libras, através do surgimento de centros de atendimento a pessoa surda em nível estadual, da criação de cursos de Letras Libras em todo Brasil e de concursos para professores e intérpretes de Libras em todo o Brasil.

Estes avanços no nível social acarretaram também um crescente número de pesquisas sobre a Libras no Brasil. Vale salientar que, de modo geral, as pesquisas sobre as línguas de sinais são recentes. Somente em 1960, com Willian Stokoe as línguas de sinais começaram a ser investigadas pela linguística. A partir de então, muitos pesquisadores têm se debruçado sobre o funcionamento e o uso das línguas de sinais, e com a Libras não é diferente. Trabalhos como Felipe (1989) e Ferreira-Brito (1995) marcam o início da investigação linguística sobre a Libras no Brasil.

Podemos dizer, portanto, que são recentes as pesquisas sobre a Libras. Mesmo com o avanço mencionado, decorrente das medidas sociais a partir da lei de reconhecimento da Libras, ainda são emergentes os estudos sobre esta língua na área da linguística. Quando voltamos o nosso olhar para a investigação na área da sociolinguística, vemos que há menos pesquisas ainda, se compararmos com estudos sobre a língua portuguesa, ou sobre outras línguas de sinais como o ASL (Língua de sinais americana) e o BSL (língua de sinais britânica).




São poucos os trabalhos que analisam as variações linguísticas na Libras. Em Alagoas há somente o trabalho de Dizeu (2014) publicado que apresenta uma análise sobre as variações no nível fonológico e lexical da Libras falada em Maceió. Há, neste sentido, uma necessidade iminente de investigarmos as variações presentes em Alagoas. Portanto, este trabalho tem como objetivo analisar as variações linguísticas na Libras dentro da comunidade surda em três regiões do estado de Alagoas: Maceió, São Miguel dos Campos e Arapiraca.

Se observamos os falantes de uma capital e compararmos com falantes de cidades do interior, muitas diferenças serão encontradas, a depender da situação. Com o passar do tempo, muitas mudanças podem ocorrer ou não numa dada língua. Isto depende, dentre outros fatores, do nível de resistência a mudanças dos indivíduos.

Estas diferenças são observadas quando olhamos para diferentes sinais que são realizados para um mesmo significado. Por trabalhar há muitos anos com a comunidade surda de Alagoas, e por ser um surdo alagoano, o autor deste trabalho percebeu estas variações lexicais de uma maneira significativa. Mesmo que a comunidade surda alagoana esteja interligada, através de instituições como o Centro de Atendimento ao Surdo do Estado, que oferece, entre outras atividades, atendimento educacional especializado para alunos surdos em fase escolar de todo o estado desde 2006. Além disso, podemos citar a Associação de Surdos de Alagoas (ASAL) que tem promovido palestras e eventos aos surdos do estado, fortalecendo o contato entre os surdos do estado.

Ainda assim, percebeu-se que há muitas variações lexicais na Libras falada em Alagoas. Escolheu-se então investigar, a priori, os sinais utilizados em Maceió, Arapiraca e São Miguel, uma vez que, nestas cidades, a comunidade surda é bastante ativa, e por apresentarem variantes diferentes para diversos sinais. As imagens abaixo apresentam a variação lexical para CENTRO (centro da cidade). Os demais sinais que serão investigados estão descritos no capítulo que descreve a metodologia deste trabalho.

*Quadro 1- Variação de Centro*

Imagem 1: MACEIÓ	Imagem 2: CAMPO SÃO MIGUEL	Imagem 3: ARAPIRACA
		

**Fonte:** elaborado pelo autor (2020)

A partir desta percepção, surgiu a necessidade de investigar quais fatores externos podem condicionar o uso da Libras por falantes de Maceió. Nossa questão de pesquisa será: “Como ocorre a variação lexical diatópica na Libras falada em Alagoas?”. Teremos como hipótese a explicação de que a iconicidade pode ser um fator determinante na variação lexical e que fatores sociais como sexo/gênero e escolaridade podem influenciar a fala dos surdos alagoanos. A pesquisa então tem como objetivo geral investigar a variação lexical diatópica em Alagoas. Além disso, terá como objetivos específicos verificar se a variável sexo/gênero interfere na escolha dos falantes; verificar se a variável escolaridade interfere na escolha dos falantes; observar como a iconicidade na Libras pode estar relacionada às diferenças no léxico.

Na primeira seção desta pesquisa, traremos conceitos ligados a teoria da variação linguística proposta por Labov (1972), que será a base teórico-metodológica para esta investigação. Em seguida, apresentaremos um breve apanhado sobre os estudos sobre a Libras e mais especificamente sobre a sua estrutura lexical. Na segunda seção, abordaremos com mais detalhes o conceito de iconicidade, trazendo estudos sobre este fenômeno na Libras e em outras línguas de sinais.

Na quarta seção, apresentaremos a metodologia que foi empregada para a realização deste trabalho. Para tanto, foram analisados 5 itens lexicais por meio de pesquisa com 12 indivíduos surdos, oriundos de 3 municípios do estado de Alagoas. Dentre estes, homens e mulheres, na faixa etária de 20 a 40 anos.

Na quinta seção explicitamos os resultados da coleta e os analisaremos, discorrendo sobre as principais descobertas. Por fim, traremos as considerações finais do trabalho, apontando para possíveis novas investigações.

## 2 TEORIA DA VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Desde o surgimento da linguística enquanto ciência no século XIX, muitos estudiosos têm se debruçado sobre as línguas para entender o seu funcionamento e os fenômenos que lhe cercam. Dentre eles está F. Saussure, que, ao realizar um recorte metodológico, separando a língua (*langue*) da fala (*parole*) possibilitou reflexões profundas sobre o objeto de estudo dos linguistas. Segundo Saussure (1916), ao separar a língua da fala, “separa-se ao mesmo tempo: 1.º, o que é social do que é individual; 2.º, o que é essencial do que é acessório e mais ou menos acidental” (SAUSSURE, 1916, p. 22). Ou seja, a língua é uma convenção social, cujas regras são compartilhadas por todos os falantes, enquanto que a fala é individual, uma vez que cada falante possui uma maneira de falar diferente.

Além disso, o genebrino afirmou que “a língua assim delimitada é de natureza homogênea: constitui-se num sistema de signos onde, de essencial, só existe a união do sentido e da imagem acústica, e onde as duas partes do signo são igualmente psíquicas.” (SAUSSURE, 1916, p. 22). Sendo homogênea, seria possível prever regras de funcionamento para a língua, enquanto a fala, sendo individual e heterogênea, estaria fora do objeto da linguística, já que os acidentes de fala não poderiam ser previstos. Esta separação esteve presente nos estudos da linguística estruturalista que iniciou no Círculo Linguístico de Praga na primeira metade do século XX.

Entretanto, é no início da segunda metade do século XX que outra visão de língua ganha força através de um linguista americano chamado Willian Labov. Labov (1972) apresenta uma visão sobre língua e fala diferente de Saussure. Para o autor, o objeto da linguística deve ser a fala. Ao refletir sobre o termo cunhado para a área na qual estava inserido, a “Sociolinguística”, Labov (1972) afirma que este é um “termo estranhamente redundante. A língua é uma forma de comportamento social” (LABOV, 1972, p. 215). Neste sentido, para o autor, toda a linguística deve ser social.

Dentro desta perspectiva, a língua não é vista como homogênea, mas heterogênea, já que as diversas variações linguísticas fazem parte da língua. Isto indica que a variação é um fenômeno inerente à língua, e não um mero acidente de fala. Labov (1972) critica não só esta separação feita por Saussure (1916), mas a separação feita por Chomsky (1965) ao conceituar “competência” e “desempenho”.

Assim, fazemos uma distinção fundamental entre competência (o conhecimento do falante-ouvinte de seu idioma) e desempenho (o uso real da linguagem em situações concretas). [...] Um registro da fala natural

mostrará inúmeras partidas falsas, desvios das regras, mudanças de plano no meio do percurso e assim por diante. O problema para o linguísta, assim como para a criança que aprende a língua, é determinar a partir dos dados de desempenho o sistema subjacente de regras que foram dominadas pelo falante-ouvinte e que ele usa no desempenho real. Portanto, no sentido técnico, a teoria linguística é mentalista, pois se preocupa em descobrir uma realidade mental subjacente ao comportamento real. (CHOMSKY, 1965, p. 4)

Ao estabelecer esta distinção, Chomsky (1965) vai dizer que os “desvios de regras” não são da ordem da competência, ou seja, não são linguísticos. A crítica de Labov não repousa somente na concepção de língua dos teóricos, mas em como esta visão acarreta um método de investigação inadequado. Para Labov (1972, p.19)

A linguística, portanto, tem sido definida de tal modo a excluir o estudo do comportamento social ou o estudo da fala. A definição tem sido conveniente para os formuladores, os quais, por inclinação pessoal, preferiram trabalhar com seu próprio conhecimento, com informantes individuais ou com materiais secundários.

A questão posta aqui é a de que os teóricos criticados por Labov não se utilizaram de usos reais de fala para desenvolver suas reflexões. O método intuitivo não é bem visto por Labov, pois se apresenta como falho, portanto, não deveria ser encarado como um dado de pesquisa. Somente a pesquisa voltada para a língua posta em uso, poderia fornecer descrições e generalizações seguras sobre a língua.

Labov desenvolve sua teoria voltando-se para a metodologia que deve ser empregada quando se deseja pesquisar dados reais de fala. Seu objetivo é não somente analisar a fala do ponto de vista linguístico, mas observar como fatores sociais, como classe social, idade, sexo/gênero e escolaridade podem interferir nas escolhas do falante. O autor realizou uma pesquisa em Martha's Vineyard nos EUA. O estudo analisou a centralização de *ay* e *aw*, sendo a primeira a variante de pessoas mais idosas e a segunda de pessoas mais novas. O estudo mostrou que falantes que utilizam a variante mais conservadora tinham uma forte identificação com o lugar que viviam, enquanto que os falantes que utilizam a variante inovadora não se identificavam muito com a ilha e estavam mais abertos a mudanças. Labov comprovou que fatores sociais podem interferir na maneira como as pessoas falam.

Ao realizar suas investigações com dados reais de fala, o autor percebeu que há um paradoxo quando um pesquisador se propõe a coletar dados espontâneos, denominado paradoxo do observador. Isto acontece porque, quando o pesquisador está observando o falante, a fala deixa de ser espontânea, uma vez que, inconscientemente o falante irá controlar sua fala, ainda que minimamente. Desta forma, se torna impossível coletar dados totalmente

espontâneos. No entanto, há caminhos metodológicos que podem interferir tanto positivamente quanto negativamente na tentativa de se coletar dados mais espontâneos. Sobre este fator, Labov (1972, p.244) explica.

Com isso chegamos ao paradoxo do observador: o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas - no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática. O problema, evidentemente, não é insolúvel: ou achamos maneiras de suplementar as entrevistas formais com outros dados, ou mudamos a estrutura da situação de entrevista de um jeito ou de outro.

A metodologia proposta pelo autor envolve desde o ambiente que as entrevistas com os falantes acontecem, uma vez que um ambiente muito distante da realidade do falante pode intimidá-lo, até questões como o gênero textual escolhido para a coleta e a maneira como o pesquisador irá conduzir a entrevista, de modo que o falante se sinta à vontade.

Além dessas questões, Labov também se preocupou com a estratificação dos dados. Quando uma variável social é investigada, se faz necessário que uma amostra significativa de falantes representem aquela variável. Se a pesquisa envolve as variáveis sexo e idade, se faz necessário coletar dados de homens e mulheres de três faixas etárias. Um homem e uma mulher de cada faixa etária se faz necessário para que cada variável seja representada. Neste caso, 6 pessoas irão formar uma célula de investigação, ou seja, um grupo com um representante de cada item do cruzamento das variáveis. Labov indica que uma estratificação segura deve conter pelo menos cinco células, para que a análise não seja comprometida.

Além das variáveis sociais, há variáveis que são regionais, também chamadas de diatópicas. Segundo Coelho et al. (2002, p. 76), “é a variação diatópica, também conhecida por regional ou, ainda, geográfica, a responsável por podermos identificar, às vezes com bastante precisão, a origem de uma pessoa através do modo como ela fala.”, ou seja, a variação regional identifica o falante em relação ao lugar de onde ele pertence.

A variação regional não diz respeito somente diferentes estados de um mesmo país. Para Coelho et al. (2002, p. 76)

a variação regional pode ser estudada colocando-se em oposição diferentes tipos de unidades espaciais: podemos dizer que existe variação regional entre Brasil e Portugal (dois países), entre o Nordeste e o Sul do Brasil (duas regiões de um mesmo país), entre Paraná e Santa Catarina (dois estados de uma mesma região), entre Chapecó e Florianópolis (duas cidades de um mesmo estado) e mesmo entre falantes do Centro de Florianópolis e falantes do Ribeirão da Ilha (dois bairros de uma mesma cidade). É comum também que se analise variação regional entre zonas urbanas e zonas rurais ou do interior.

Nossa pesquisa irá lidar tanto com variação social, quanto regional, uma vez que iremos investigar homens e mulheres de três municípios de Alagoas com escolaridades diferentes.

Quando Labov (1972) afirma que as línguas são heterogêneas e variam, significa dizer que dentro de uma mesma língua, a depender da comunidade linguística em que o falante está inserido, ele poderá se expressar de inúmeras maneiras. Com a língua de sinais não é diferente. Os sinais variam nos diferentes níveis da língua de acordo com o contexto social que cerca o falante desta língua.

A Teoria da Variação e da Mudança Linguística trata, portanto, da variação e da mudança linguísticas e contempla os usos variáveis de fenômenos da linguagem em seu contexto social. A proposta de Labov se distancia da Linguística que considera a língua como um sistema de normas abstratas, externa ao falante e independente do contexto de enunciação e mostra que é na heterogeneidade da língua que se deve buscar a estrutura e o funcionamento desse sistema. (SANTOS E VITÓRIO, 2011, p. 18).

As comunidades linguísticas de falantes de língua de sinais apresentam variações no uso da língua e estas variações são motivadas por fatores externos à língua, como a incorporação de sinais utilizados por outras comunidades linguísticas mais desenvolvidas ao seu léxico, substituindo sinais equivalentes, entre outros. As relações estabelecidas entre os falantes de uma comunidade provocam variações peculiares, o que constitui um padrão e um perfil linguístico próprio daquela região.

A análise da variação e da mudança linguística, tarefa seminal da Sociolinguística laboviana, descreve os diferentes usos da língua pelos grupos que compõem a sociedade e explica como as mais distintas inserções individuais no meio social induzem a diferentes usos da língua, estabelecendo o padrão e o perfil de cada comunidade linguística. (SANTOS e VITÓRIO, 2011, p.13).

A Libras passou por diversas mudanças até se tornar a língua falada hoje em dia. Essas mudanças aconteceram diacronicamente, mas vale salientar que as variações em Libras também acontecem no campo sincrônico. Falantes de regiões diferentes podem apresentar mudanças no léxico ou no nível fonológico. Xavier, (2006; 2010) aponta que discutir variação linguística em língua de sinais requer considerar as variáveis existentes no que diz respeito a condições de aquisição de língua entre outros fatores. Woodward et al. (1976 *apud*



Xavier e Barbosa, 2017) após analisarem sete sinais da Língua americana de sinais (ASL), constataram que o fenômeno de variação dizia respeito também a fatores extralinguísticos, como o local de residência. Sobre esse aspecto, Calvet assevera:

As línguas mudam todos os dias, evoluem, mas a essa mudança diacrônica se acrescenta uma outra, sincrônica: pode-se perceber numa língua, continuamente, a coexistência de formas diferentes de um mesmo significado. Essas *variáveis* podem ser geográficas: a mesma língua pode ser pronunciada diferentemente, ou ter um léxico diferente em diferentes pontos do território. (CALVET, 2009, p. 89).

Apesar de apresentar mudanças linguísticas, de região para região, a mesma estrutura gramatical de uma dada língua pode ser percebida nas diferentes variações, uma vez que as línguas possuem uma estrutura complexa e organizada composta por regras e formas lógicas que funcionam levando em conta tais variações.

A Sociolinguística laboviana vem mostrar o caráter heterogêneo e variável das estruturas linguísticas e defender que tais estruturas têm uma organização gramatical, ou seja, seguem regras e têm formas lógicas linguísticas perfeitamente demonstráveis sendo possível seu estudo dentro do campo linguístico. (SANTOS e VITÓRIO, 2011, p. 19).

Independente da comunidade linguística de falantes de Libras, estas regras e formas lógicas serão seguidas pelos falantes fluentes na língua, pois estas regras não dizem respeito a uma gramática normativa, mas ao próprio funcionamento da língua, portanto é preciso considerar as variações e mudanças linguísticas de comunidade para comunidade, não como um “erro”, mas como a comprovação de que a Libras é, de fato, uma língua viva, por isso mesmo dinâmica e, conseqüentemente, mutável.

O reconhecimento e aceitação de que há variação linguística e de que essa variação é condicionada tanto por fatores linguísticos quanto por fatores sociais ajuda a gerar a consciência de que não existe nenhuma comunidade linguística ou grupo social que fale mais “certo” ou mais “errado” do que outro. (SANTOS e VITÓRIO, 2011, p. 21).

A partir da compreensão de que as línguas variam e se modificam, seja por fatores linguísticos, inerentes ao próprio sistema linguístico, seja por fatores extralinguísticos ou sociais, podemos assim aplicar ao contexto situacional da realidade dos surdos em um cenário de aquisição tardia de sua primeira língua. Vale salientar que a maioria desses, são filhos de pais ouvintes que desconhecem a Língua de sinais e têm sua imersão no mundo simbólico a partir de sinais rudimentares, caseiros e que muitas vezes nos espaço escolar onde encontram seus pares linguísticos, de diferentes faixas etárias é que esses indivíduos se constituem como utentes de sua primeira língua, repercutindo nos vários falares desses sinalizantes, reforçando o aspecto heterogêneo da língua, marcando os usos que faz dela de acordo com o contexto sociointeracional em que está inserida.

## **2.1 A língua de sinais**

A língua de sinais é a língua natural das comunidades surdas e, contrariando o que muitos imaginam, as línguas sinalizadas não são apenas mímicas e gestos desmotivados utilizados pelos surdos para facilitar a comunicação.

É uma língua autêntica, com estrutura gramatical própria, com possibilidade de expressão em qualquer plano de abstração (SKLIAR, 2000) e promove uma comunicação tão eficaz quanto qualquer língua oral. Segundo Baker e Padden (2005), as unidades da língua de sinais são movimentos específicos e configurações de mão, braços, olhos, face, cabeça e postura corporal. Estudos realizados no Brasil (QUADROS, 1997; FERREIRA, 2010) revelam que as línguas de sinais são adquiridas pelos surdos com naturalidade, possibilitando o acesso a uma linguagem que permite uma comunicação completa.

Stokoe (1960) afirma que o surdo está incluído em um grupo único na sociedade por conta da sua relação não-usual com a comunicação e, conseqüentemente, da dificuldade de interação em um mundo social em que a comunicação interpessoal se dá pela língua oral. Isso faz com que o surdo tenda a se isolar dos ouvintes e a formar grupos minoritários unidos por propósitos sociológicos, dentre eles, o uso da língua de sinais. O mesmo autor (1978) afirma que a LS não deve ser vista como o oposto das línguas orais, mas como sua antecessora. Segundo Morales-López et al. (2005), a principal diferença entre as línguas de sinais e as línguas orais é o caráter visual das unidades linguísticas daquelas e o espaço neutro (em frente ao corpo) das línguas sinalizadas.

Já Johnson e Liddell (2010) afirmam que a diferença mais óbvia e imediata entre as línguas orais e as línguas sinalizadas reside na forma como são produzidas e percebidas. Falantes de línguas orais coordenam uma série de articuladores relacionados ao trato vocal e produzem grupos de sons reconhecíveis como palavras. Já os falantes de línguas sinalizadas coordenam atividades das mãos, braços, tórax, rosto e cabeça para produzir grupos de gestos físicos visíveis reconhecíveis como sinais. Crasborn (2008) refere que a diferença mais marcante entre as línguas orais e as de sinais é o uso de dois articuladores simétricos: dois braços e duas mãos.

Baker e Padden (2005) afirmam que a população desenvolve línguas de sinais para que um surdo se comunique efetivamente com outros. Assim como em qualquer comunidade linguística, a LS é a principal característica identificadora de pertencimento de seus membros à comunidade. Da mesma forma que as línguas orais, a LS é particular de cada comunidade e está diretamente relacionada à cultura do local. Além disso, de acordo com McCleary e Viotti (2011), assim como nas línguas orais, língua e gesto coexistem nas línguas de sinais.

Segundo Gesser (2008), não há dúvidas de que na comunidade surda, a LS confere ao surdo uma libertação dos moldes e visões até então patológicos, pois desvia a concepção da surdez como deficiência para uma concepção de diferença linguística e cultural. Padden (1980) acrescenta que se pode considerar uma “comunidade surda” quando os sujeitos surdos compartilham características, entre elas, a língua de sinais, e participam de eventos como grupo. Para ela, os valores do grupo cultural são representados nas atitudes e comportamentos que o grupo considera mais importantes.

Os estudos da Sociolinguística envolvem, principalmente, a reflexão sobre o desenvolvimento e os diferentes usos da língua e da linguagem humana, considerando o fluxo contínuo e ininterrupto no qual os seres humanos se apropriam e se utilizam das possibilidades comunicativas e reflexivas que estão ligadas a essa área do conhecimento.

Nesse sentido, investigar o uso de uma língua é também investigar a enorme variação linguística que decorre do seu uso particular (cada indivíduo tem uma forma peculiar de apropriar-se e de utilizar-se da língua), bem como do uso coletivo, social dessa língua. Como o uso difere na dimensão individual e na dimensão coletiva, muitos são os fatores que influenciam nas mudanças e variações observáveis em uma língua viva: classe social, faixa etária dos usuários (crianças, jovens, idosos), gênero, o contexto social de uso da língua, religião, minorias, entre outros.

Atualmente, a Libras tem status de língua, mas mesmo antes desse reconhecimento positivado é necessária certa acuidade para verificar as mudanças linguísticas, seu

regionalismo e suas variações. Esse processo histórico tem que ser visto tanto da perspectiva temporal, quanto da perspectiva espacial, já que tempo e espaço são variáveis para uma língua.

Observa-se que toda a variação linguística deve ser respeitada, tratada como um fenômeno natural dentro da língua, já que esse processo ocorre de forma natural e é atrelado à história que a língua traz consigo. Os novos sinais, ou sinais diferentes daquele habitual de uma determinada região, trazem a riqueza da língua, permitem que se partilhem experiências e conceitos que partem de pontos de vista diferentes para um dado sinal que embora diferente em sua forma possua um mesmo significado.

A comunidade surda é de grande importância para a socialização da língua e cultura, das experiências e forma de estar no mundo. A língua é atrelada à cultura. Strobel (2009) apresenta características da cultura surda e a língua é um fator de elo, pois a língua de sinais é uma das principais marcas de identidade de um povo surdo, pois é uma das peculiaridades da cultura surda. A interação na comunidade surda produz mais sobre a língua, estabelece um fortalecimento de identidades compartilhadas lutando assim pelo resgate da sua língua e de tudo que foi negado historicamente aos surdos.

Além da visão social sobre a Libras, que envolve as questões culturais que envolvem uma comunidade surda, a língua de sinais pode ser estudada do ponto de vista linguístico. Segundo Quadros e Karnopp (2004), Finau (2006) e Rosa (2008), de forma semelhante às línguas orais-auditivas, é estruturada segundo padrões fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos. As autoras afirmam ainda que o que diferencia as línguas de sinais das línguas orais é a estrutura simultânea da organização dos elementos das línguas de sinais.

Segundo Brentari (2002), a fonologia é um nível de análise gramatical em que unidades estruturais primitivas sem sentido são combinadas para criar um infinito número de sentenças repletas de significado. Para Battison (1974), a fonologia da língua de sinais é um nível estrutural sublexical análogo, mas não apresenta qualquer relação de dependência da fonologia das línguas orais. McIntire (1977) afirma que a fonologia das línguas de sinais é, em muitos aspectos, diferente da fonologia das línguas orais, mas obedece aos mesmos princípios.

Quanto à morfologia, as línguas de sinais apresentam uma morfologia sequencial e simultânea (QUADROS, 2019, p. 62). Simultânea, porque há uma sobreposição de morfemas, como a diferença entre CASA, em que uma das mãos está com uma configuração de mão em B e a outra em B também e LOJA, em que a configuração de uma mão está em B e a da outra mão está em L. Neste sentido, o L funciona como um morfema flexional se

sobrepondo a estrutura do sinal CASA. É sequencial, porque há morfemas que são concatenados, como os sinais PAI (HOMEM + BENÇÃÕ (beijo na parte externa da mão)) e MÃE (MULHER + BENÇÃÕ).

Quanto à sintaxe, segundo Quadros & Karnopp (2004), as línguas de sinais apresentam uma produtiva estrutura, por haver um sistema sintático baseado no espaço. Estruturas como OSV, VOS são possíveis em sinais direcionais – sinais que apresentam uma direção do sujeito para o objeto ou vice-versa, como veremos na próxima seção desta dissertação. A estrutura OSV CASA JOÃO IR é possível na Libras, uma vez que o objeto esteja num espaço e o sujeito em outro espaço, para que o verbo se direcione do sujeito ao objeto. Já na estrutura VOS, COMER BANANA JOÃO, vemos que há um apoio da semântica para que não haja ambiguidade na sentença.

De acordo com Sandler (1993), há similaridades entre a gramática das línguas orais e de sinais, o que é esperado pelo fato de que as línguas de sinais apresentam, de forma subjacente, as mesmas funções cognitivas e sociais que as línguas orais, são processadas por um mesmo cérebro humano e apresentam relação similar com a memória e a atenção.

Todas estas descobertas sobre as línguas de sinais e sobre a Libras, especificamente, aconteceram graças ao estudo pioneiro de Willian Stokoe (1960). Segundo Battison (1980), Stokoe parte de uma concepção do sinal não como uma figura, mas como um símbolo concreto e complexo que pode ser analisado em partes. De forma geral, Stokoe (1960) mostrou que os sinais possuem partes analisáveis, assim como as línguas orais. Segundo Fischer (2000), isso foi uma quebra de paradigma, tendo em vista que, até o momento, os sinais eram vistos como um sistema sem estrutura interna. A autora afirma, ainda, que outra semelhança entre as línguas orais e as de sinais é que todas apresentam tendência a apresentar elementos de linearidade e simultaneidade.

### 3 PARÂMETROS

Stokoe (1960) e Stokoe, Casterline e Cronenberg (1965) revelam que não só a língua de sinais é um sistema organizado linguisticamente, mas sua estrutura difere da estrutura das línguas orais. De forma mais específica, Stokoe, Casterline e Cronenberg (1965) descreveram a estrutura da língua de sinais americana, afirmando que a formação do sinal se dá a partir de três parâmetros simultâneos: a configuração (formato) das mãos, a localização no espaço e a sua *movimentação*<sup>1</sup>. Cada um dos parâmetros, segundo Liddell (1991) e Siedlecki Jr. e Bonvillian (1993), apresenta um conjunto limitado de elementos formacionais, corroborando Battison (1980), que afirma que as possibilidades dos elementos formacionais não são infinitas.

De acordo com Liddell e Johnson (1989) e Marshall (2011), a língua de sinais, na perspectiva de Stokoe (1960) e Stokoe, Casterline e Cronenberg (1965), é formada a partir de “queremas”<sup>2</sup> definidos como elementos sem significado que, quando combinados, formam sinais com significado, de forma análoga aos fonemas das línguas orais.

Battison (1974) mostra que as descrições da língua de sinais contêm um nível de análise sub-lexical equivalente ao nível fonológico das línguas orais. Segundo Johnson e Liddell (2010), no sistema querêmico de Stokoe, cada sinal é composto, simultaneamente, de uma configuração de mão, um local e um ou mais movimentos.

A seguir, os parâmetros de (a) configuração de mão, (b) localização e (c) movimento serão descritos segundo Stokoe (1960) e Stokoe, Casterline e Cronenberg (1965). O parâmetro de (d) orientação da palma da mão será descrito segundo Battison (1978). As expressões não-manuais, consideradas o quinto parâmetro das línguas de sinais, por não se configurarem em uma variável a ser investigada no presente trabalho, não serão apresentadas.

---

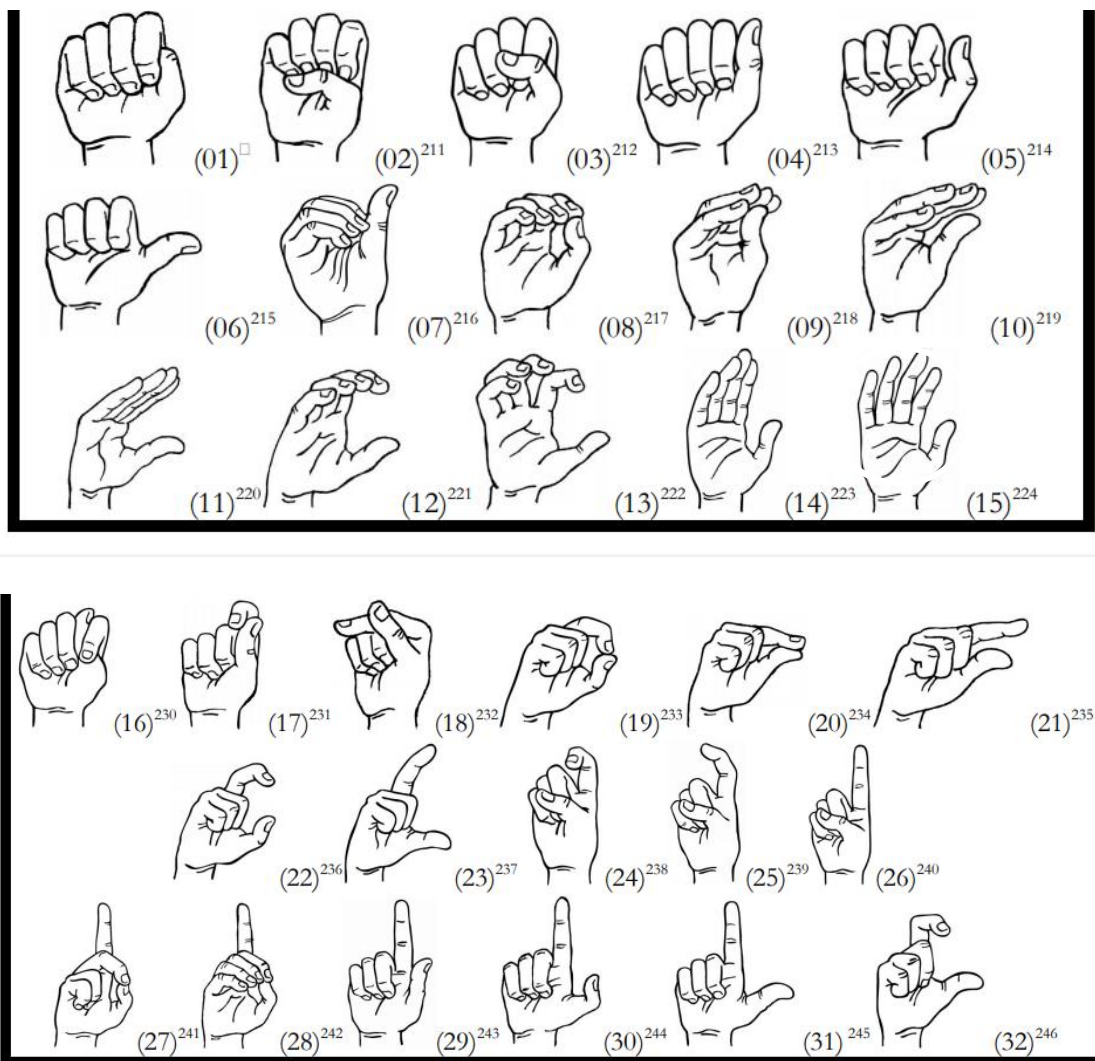
<sup>1</sup>Após a publicação dos parâmetros, dois novos parâmetros foram propostos e é consensual a importância de ambos para a realização dos sinais: a orientação da mão (BATTISON, 1978) e os elementos não-manuais (LIDDELL, 1991).

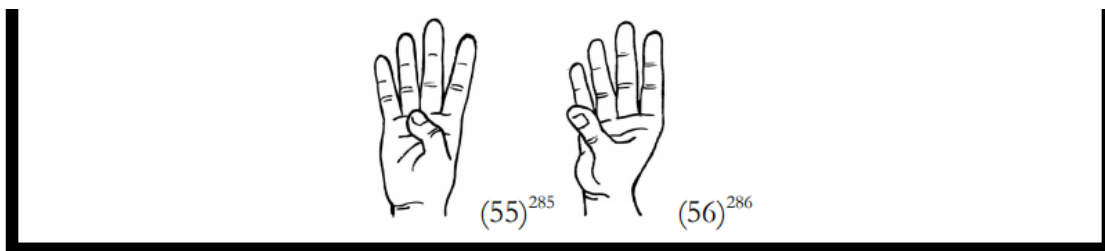
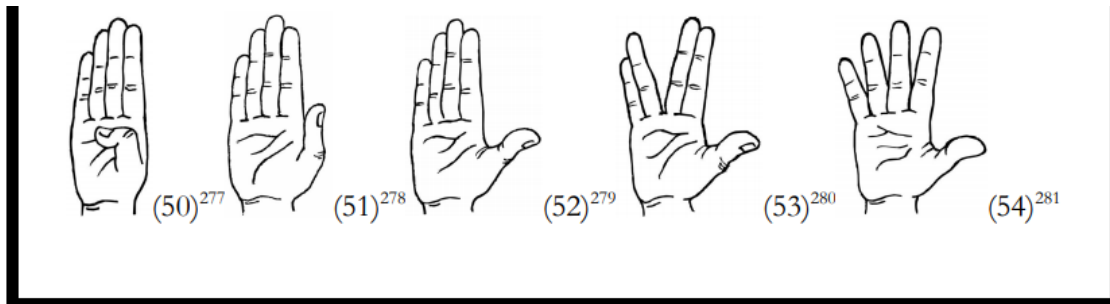
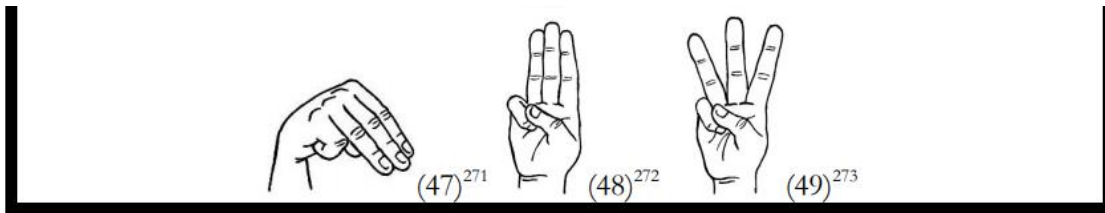
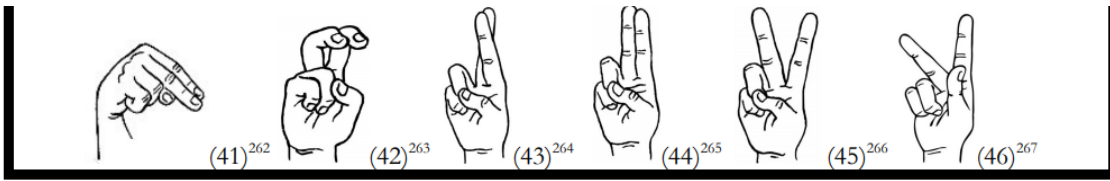
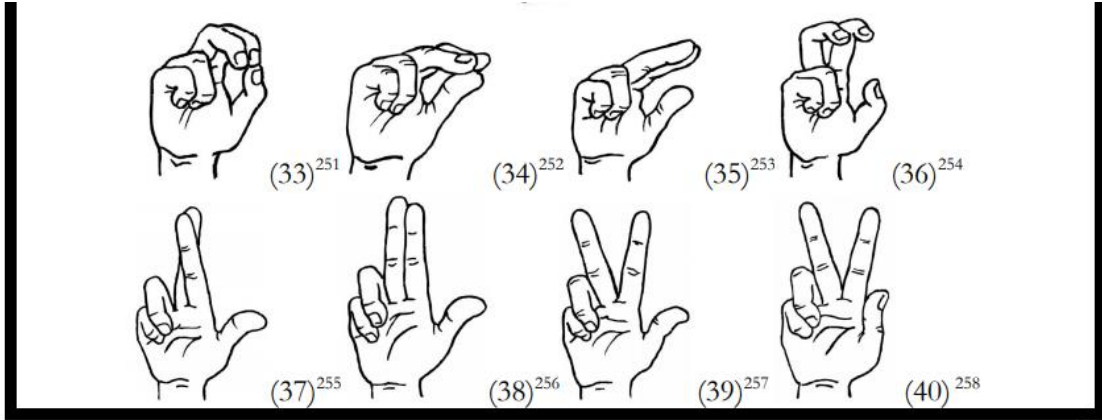
<sup>2</sup>Durante muito tempo, se adotou a terminologia “querema” em relação aos componentes dos sinais, no entanto, com a entrada da Linguística nos estudos sobre as línguas de sinais, ela foi substituída por “fonema”, considerando-se a sua analogia em relação às línguas orais. Da mesma forma, o termo “querologia” foi substituído por “fonologia” das línguas de sinais. Isso, entretanto, ainda não é consensual na literatura.

### 3.1 Configuração das mãos

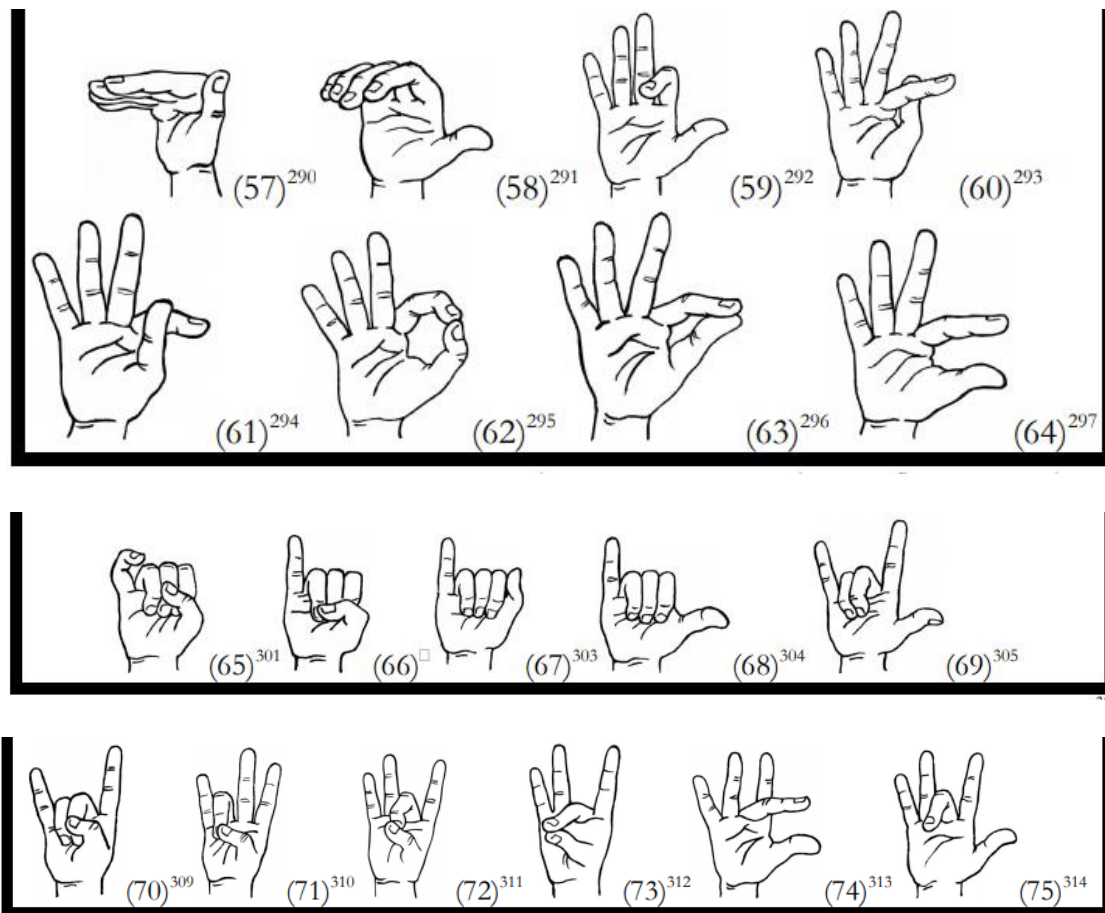
A oficialização da configuração das mãos começou a ser formada com base nos dados coletados nas principais capitais do Brasil. A configuração de mãos representa a forma que a mão assume durante a realização de um sinal. Segundo Faria-Nascimento (2009, existem 75 configurações de mão em LIBRAS, e elas podem ser diferenciadas pela extensão (lugar e número de dedos estendidos), pela contração (mão fechada, mão aberta) e pelo contato ou divergência dos dedos, os quais podem variar, apresentando uma mão configurada, uma mão configurada sobre a outra, que lhe serve de apoio. A figura abaixo apresenta todas as configurações de mão da Libras encontradas pela autora.

Figura 1 - Tipos de configuração de mão na Libras









Fonte - Adaptados de Faria-Nascimento (2009, p. 177)

A autora observou que há configurações que, em alguns casos, servem como alofones, e que há semelhanças entre configurações, por isso, ela separou em grupos, como se vê na figura, configurações com características parecidas. A estes grupos, a autora denominou configuretos.

Além disso, é importante salientar que há sinais com uma mão ou com duas mãos com a mesma configuração, mas há também sinais que apresentam configurações de mão diferentes para os sinais. Quando o sinal apresenta uma mão de base e outra com um movimento, denominamos a mão com movimento de mão dominante, enquanto que a mão base é chamada de mão não dominante.

### 3.2 Ponto de articulação

Na efetivação da Língua de Sinais, o ponto de articulação se refere ao local, no corpo do sujeito falante da Língua ou na área definida pelo corpo, onde está realizado o sinal.

Assim, uma maior especificação da posição é necessária, já que a região no espaço é muito ampla. Esse espaço é limitado e vai desde o topo da cabeça até a cintura, sendo que alguns pontos de articulação são mais precisos. As especificações dividem o corpo das pessoas em cabeça, tronco, braços, mãos, e também em outras pequenas partes como olhos, pescoço, pulso, palmas, etc. Alguns adjetivos explicam ainda mais o ponto. São aqueles que especificam a subdivisão do corpo em questão (lado direito, esquerdo, interno externo, etc.), além daqueles que informam se há o contato ou distância quando são realizados (imediatamente, próximo em contato, distante, etc). A seguir, apresentamos a proposta de Faria-Nascimento para os pontos de articulação na Libras.









#### *Quadro 2 - Pontos de articulação na Libras*

- |   |  |
|---|--|
| 01. abdome ou na região pélvica             | 27. ombro(s) .                               |
| 02. cabeça ou na altura da cabeça           | 28. pescoço                                  |
| 03. acima da cabeça                         | 29. quadril(is): lado esquerdo ou direito    |
| 04. laterais da cabeça                      | 30. tocando o dente                          |
| 05. tocando a cabeça                        | 31. diante do rosto (face)                   |
| 06. tocando o(s) antebraço(s)               | 32. tocando a(s) lateral(is) da testa        |
| 07. braço(s)                                | 33. olho(s)                                  |
| 08. dobra(s) does) braço(s)                 | 34. tocando o nariz: laterais ou ponta       |
| 09. parte interna does) braço(s)            | 35. orelha(s)                                |
| 10. tocando a parte superior does) braço(s) | 36. queixo                                   |
| 11. barriga                                 | 37. tocando queixo                           |
| 12. tocando a barriga                       | 38. tocando língua                           |
| 13. bochecha(s)                             | 39. tocando ponta da língua                  |
| 14. tocando a(s) a(s) bochecha(s)           | 45. lábio(s): superior ou inferior           |
| 15. boca                                    | 46. tocando o(s) lábio(s)                    |
| 16. laterais da boca                        | 48. tocando a(s) orelha(s)                   |
| 17. tocando a boca                          | 49. tocando a testa                          |
| 18. cintura: lado esquerdo ou direito       | 50. tocando abaixo ou no canto does) olho(s) |
| 20. à frente ou distante do corpo           | 52. tocando a(s) lateral(is) do pescoço      |
| 21. lateral do corpo: esquerda ou direita   | 54. tocando ou próximo ou acima does)        |
| 23. tocando o peito                         | ombro(s)                                     |
| 24. costas                                  | 55. lateral do rosto                         |
| 25. tocando cotovelo(s)                     | 56. tocando nuca                             |
| 26. coxa(s): lado esquerdo ou direito       |  |

**Fonte:** Faria-Nascimento (2009, p. 196)

Vale salientar que esta não é a única proposta de pontos de articulação para a Libras, Ferreir-Brito (1995), Xavier (2006), Rosa et al. (2014) também apresentam propostas para pontos de articulação na Libras. Um estudo realizado por Santos (2020) apresenta pares mínimos para pontos de articulação. O autor propõe que há distinções mínimas entre os pontos de articulação. O quadro a seguir ilustra tais distinções.

Quadro 3 - Distinções no ponto de articulação

Testa	<p>DECORAR</p> 	<p>CONSTRANGIMENTO</p> 
Queixo	<p>CONHECER</p> 	<p>ADMIRAR</p> 
Tórax	<p>ALEGRIA</p> 	<p>PASSEAR</p> 
Ponta da mão	<p>VIDRO</p> 	<p>VERBO</p> 

Fonte: Santos (2020, p.89)

Os pares mínimos dispostos acima apresentam diferenças mínimas que são denominadas pelo autor como traços distintivos. O autor propõe 5 traços: [tronco], [superior], [alto], [baixo] e [central]. No quadro acima, a distinção está no traço [baixo].

Além dos pontos de articulação que estão junto ao corpo, há pontos que estão no espaço em frente ao corpo, chamado de espaço neutro. As figuras a seguir exemplificam a diferença entre os sinais que mostramos anteriormente e os sinais no espaço neutro

*Figura 2 - Sinal triste*



Fonte: elaborado pelo autor (2020)

*Figura 3 - Sinal de trabalhar*



Fonte: elaborado pelo autor (2020)

O espaço neutro vai desde uma lateral a outra e da parte mais baixa de sinalização a parte mais alta. Sinais não que estão junto ao corpo são chamados de ancorados, se opondo aos sinais realizados no espaço neutro.

### **3.3 Movimento**

Movimento representa o deslocamento de uma ou de ambas as mãos no espaço, durante a realização do sinal, abrangendo também o pulso e o antebraço. O movimento pode demarcar o sinal devido a sua frequência ser marcada ou não por repetições, pela direção ou pelas diferentes formas de concretização do sinal, como por ligação ou separação. Para que seja realizado o sinal, é preciso haver um objeto e um espaço. As mãos do enunciador representam o objeto, enquanto que o espaço em que o movimento se realiza é a área em

torno do corpo dessa pessoa. Segundo Faria-Nascimento (2009), além do tipo e da frequência do movimento, os movimentos podem ser divididos em movimento dos dedos, das mãos direita e esquerda e do corpo, conforme a figura a seguir.

#### Quadro 4 - Tipos de movimento em ordem

##### *Tipo de movimento: TM*

01. ondulatório
03. espiral
05. tremular

##### *Frequência (F) ou intensidade (I) de Movimento: FM/IM*

01. alternado(s) ou alternadamente
02. com força
03. duas vezes ou várias vezes
04. lenta ou lentamente
05. rápida ou rapidamente
06. repetir o movimento

##### *Movimento de dedo(s) (MD) direito(s) ou esquerdo(s): Mdd ou Mde*

01. oscilar
02. balançar
03. fechar
04. abrir/distender
05. curvar
07. unir pelas pontas
08. aproximar e afastar
09. estalar
10. fechar um a um
11. abrir um a um
12. esfregar

##### *Movimento de corpo: MC*

01. baixar
02. inclinar para frente
03. inclinar para trás
04. inclinar para os lados
05. encolher os ombros
06. balançar os ombros
07. cabeça girando
08. cabeça inclinando para trás
09. cabeça inclinando para o lado

##### *Movimento de mão (MM) direita ou esquerda: Mmd ou Mme*

- |  |  |
|--|--|
| 01. balançar para cima e para baixo                  | 26. para cima e para frente                            |
| 02. balançar para frente e para trás                 | 27. para cima e para direita                           |
| 03. balançar para os lados                           | 28. para cima e para esquerda                          |
| 04. para direita                                     | 29. para cima e para trás ou para dentro               |
| 05. para esquerda                                    | 30. círculo(s) para frente                             |
| 06. para frente                                      | 31. círculo(s) para trás ou dentro                     |
| 07. para trás ou dentro                              | 32. círculo(s) para os lados                           |
| 08. para cima  | 33. arco(s) para frente                                |
| 09. para baixo                                       | 34. arco(s) para trás/dentro                           |
| 11. para cima e para baixo ou para baixo e para cima | 35. arco(s) para os lados                              |
| 15. para direita e para frente                       | 40. abrir e fechar                                     |
| 16. para direita e para trás ou para dentro          | 41. arco(s) para cima                                  |
| 19. para esquerda e para frente                      | 42. arco(s) para baixo                                 |
| 20. para esquerda e para trás ou para dentro         | 43. para frente e para trás ou para trás e para frente |
| 21. para baixo e para direita                        | 45. para os lados                                      |
| 23. para baixo e para esquerda                       | 46. simular um nó ou laço                              |
| 24. para baixo e para frente                         | 47. descrever forma de quadrado ou retângulo           |
| 25. para baixo e para trás ou para dentro            | 48. descrever forma de círculo                         |
|  | 49. descrever forma de cruz                            |
|  | 50. girar pelo(s) pulso(s)                             |
|  | 51. dobrar pelo pulso                                  |

Fonte: Faria-Nascimento (2009, p. 203)

Note-se que, na ordem proposta pela autora, há uma relação de oposição entre os movimentos, os sinais TRABALHAR e ÁGUA apresentam movimentos diferentes, conforme as figuras a seguir.

*Figura 4 - Sinal de TRABALHAR*



**Fonte:** Elaborado pelo autor (2020)

*Figura 5 - Sinal de ÁGUA*



**Fonte:** Elaborado pelo autor (2020)

O sinal TRABALHAR tem um movimento das mãos caracterizado como para frente e para trás, rápido, enquanto que o movimento do sinal ÁGUA é o de curvar o dedo indicador, ambos com frequência rápida. Além disso, há uma diferença substancial entre os movimentos, já que no primeiro sinal o braço se move, enquanto que no segundo sinal a mão se move. No primeiro sinal o movimento é externo e no segundo sinal o movimento é interno, tendo como referência a própria mão.

### **3.4 Orientação e/ou direcionalidade**

Orientação – ou direcionalidade – refere-se à direção tomada pela mão na realização de determinado sinal. Pode-se direcionar a palma da mão para cima, para baixo, para dentro, para fora, para a direita, para a esquerda ou na diagonal. Os sinais possuem uma direção, e a inversão desta pode significar ideia de oposição, de contrariedade ou de concordância número-pessoal, como ocorre com os sinais IR e VIR. Contudo, não são todos os sinais que possuem direcionalidade. Há alguns que não a possuem.

*Figura 4 - Sinal de IR*



**Fonte:** Elaborado pelo autor (2020)

*Figura 5 - Sinal de VIR*



**Fonte:** Elaborado pelo autor (2020)

Tal concepção de estrutura, que observa as línguas de sinais a partir de parâmetros, têm norteado grande parte dos estudos em língua de sinais. Em nossa pesquisa, apesar de não tratar do nível fonológico, poderá se valer desta terminologia para especificar sinais, uma vez que não dispomos de uma escrita de sinais acessível a todos os leitores. A seguir, apresentaremos questões relacionadas ao léxico das línguas de sinais, este sim, objeto da nossa pesquisa.



#### 4 A ESTRUTURA LEXICAL DAS LÍNGUAS DE SINAIS

Neste capítulo, apresentaremos discussões acerca da estrutura lexical das línguas de sinais. A partir das reflexões, será possível analisar os dados com profundidade. Traremos inicialmente o conceito de léxico no sentido mais amplo e em seguida, apresentaremos estudos mais voltados para as línguas de sinais.

Segundo Kenedy (2016 apud Moraes, 2018, p. 62) o léxico “é o conjunto das informações sobre morfemas, palavras e expressões que se encontram estocadas na mente humana e são acessadas pelo Sistema Computacional durante a derivação de representações linguísticas”, ou seja, por mais que se possa pensar que o léxico é somente uma lista de sinais ou de palavras, entendemos que o léxico é responsável não somente por armazenar os sinais, mas por conter informações sobre os itens lexicais que se relacionam com a fonologia, a morfologia, a sintaxe e a semântica.

Por fornecer informações à sintaxe, há no léxico restrições que afetam a maneira como os itens são dispostos numa dada cadeia sintática. Em Libras, Moraes (2018) apresenta um exemplo que pode ilustrar esta relação entre o léxico e os demais elementos linguísticos. Para o autor, “um exemplo dessa restrição seria a agramaticalidade da construção em Libras ‘GUARDA-CHUVA AMAR LÁPIS’, pois o verbo ‘AMAR’ exige um agente com um traço +animado.”, este exemplo aponta para o fato de que há nos itens lexicais informações sobre a semântica do sinal que interferem na produção sintática.

Outro exemplo de Moraes (2018) diz respeito, não a restrições no verbo, mas no substantivo. O autor afirma que

Sinais como SAL, AÇÚCAR e AREIA, assim como no inglês, são não contáveis. Essa informação semântica já está presente no léxico, portanto, há uma restrição sintática imposta pelo léxico de modo que uma sentença como “EU GOSTAR SAL DOIS” seja agramatical na Libras, pelo fato de o sinal “DOIS” quantificar “SAL”. (SANTOS, MARCOS DE MORAES, 2018, p. 64)

No que diz respeito às relações semânticas, o léxico é responsável por carregar informações valiosas para o sistema linguístico, mas também desempenha o papel de agrupar seus itens através das relações hiperonímicas, sinonímicas ou paronímicas. Um sinal como “BRANCO” pode estabelecer uma relação de antonímia com o sinal “PRETO”, ou de hiponímia com o sinal “COR”. Estas relações servem de suportes para outros sistemas cerebrais como a memória, por exemplo.

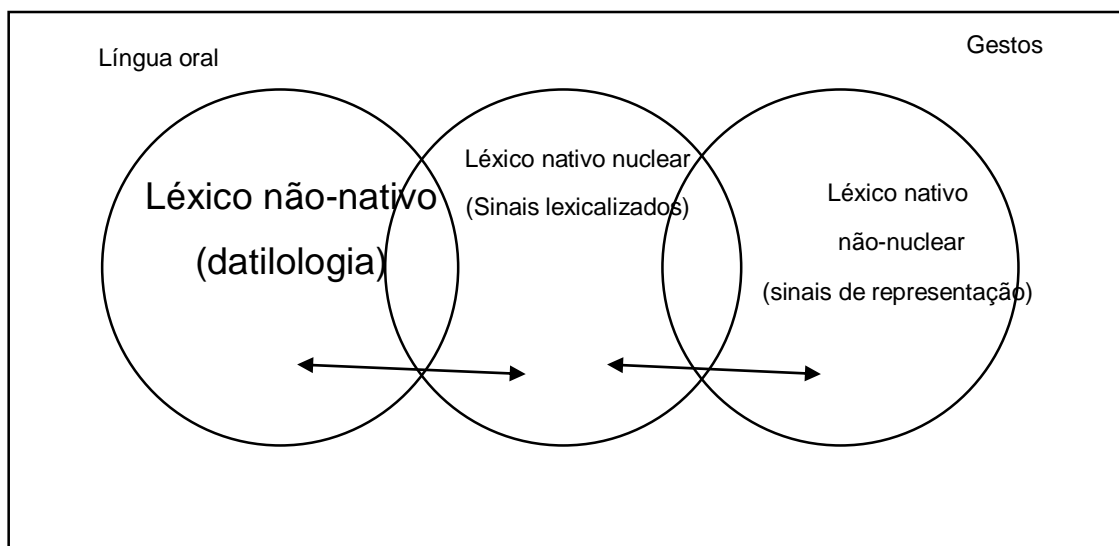


Quanto às informações morfofonológicas presentes no interior do léxico, Quadros & Karnopp (2004, p.90) afirmam que

na língua de sinais brasileira, a sequência de configurações de mão N-U-N-C-A viola tanto restrições na seqüência de CM quanto no número de mudanças de orientação de mão exigidos pelo sistema lingüístico, e então esse sinal deve ser considerado bem na periferia do léxico da língua de sinais brasileira a restrição de boa-formação dos sinais, pois envolve distintos grupos de dedos selecionados, mas o sinal nativo LUA (L-A) não viola, já que envolve o mesmo grupo de dedos selecionados e mudanças na seqüência da CM de “aberto” para “fechado” conformando-se às restrições nas seqüências de CM encontradas em sinais nativos do léxico.

Tal afirmação aponta para restrições lexicais e condições de boa-formação sobre a morfologia dos sinais estarem presentes no léxico. Quanto ao que as autoras denominam “sinais nativos do léxico”, explicaremos a seguir. Santos (2018) utiliza um modelo de organização lexical para as línguas de sinais desenvolvidos por Johnston & Schembri (2007). O modelo é representado pela figura a seguir.

Figura 6 - Língua oral versus gestos



**Fonte:** Versão adaptada de Johnston & Schembri (2007, p. 158)

O quadro apresenta uma estrutura dividida em duas categorias, léxico nativo e não nativo. O léxico nativo, por sua vez se subdivide em léxico nuclear e não-nuclear. Descreveremos quais são as principais características de cada categoria, de acordo com os autores. A seguir, iremos explicar o modelo acima. Iniciaremos pelo léxico não nativo.

#### 4.1 Léxico não nativo

Segundo Santos (2018) “uma diferença expressiva entre os itens não nativos das línguas de sinais é a presença de palavras das línguas orais, ou seja, de modalidades de língua diferentes.” Isto acontece, segundo o autor, porque a língua portuguesa está mais presente na comunicação dos surdos brasileiros do que a ASL. Vale salientar que a língua portuguesa pode aparecer na Libras tanto através da oralização da palavra junto ao sinal, seja da palavra completa, seja de parte da palavra, como através da sua escrita, quando a palavra escrita acaba sendo a raiz de um dado sinal, como é o caso de N-U-N-C-A, em que a soletração do sinal é o próprio sinal.

#### 4.2 Léxico nativo

Outra parte do léxico das línguas de sinais é o léxico nativo. Iniciaremos esta explicação pelo núcleo do léxico.

#### 4.3 Léxico nativo nuclear

Estão no núcleo do léxico os sinais que já foram lexicalizados, ou seja, que obedecem às restrições linguísticas de uma dada língua. É possível que um sinal com raiz num empréstimo linguístico possa vir a se lexicalizar, se tornando um sinal do núcleo do léxico. No caso do sinal N-U-N-C-A, já há em algumas regiões um processo de redução no número de configurações de mão de forma que o sinal fora resumido a N-U-N, mantendo a mesma configuração de mão, com um movimento do pulso para cima e para baixo.

Os sinais no núcleo do léxico estão divididos em (i) sinais completamente especificados, (ii) sinais compostos e (iii) sinais incompletos. Os sinais completamente especificados foram denominados por Johnston & Schembri (2007) como sinais monomorfêmicos. Sinais como CASA, AMOR e ACREDITAR estão inclusos nesta categoria. Estes sinais funcionam como morfemas livres, pois não precisam da presença de outros morfemas ou sinais para possuírem uma unidade de sentido.

Os sinais compostos são definidos como uma junção de dois ou mais sinais completamente especificados. O sinal ESTUDAR e o sinal CASA são categorizados como completamente especificados, porém, a junção CASA+ESTUDAR dá origem ao sinal ESCOLA. Os exemplos (1) e (2) mostram que há uma diferença entre os dois morfemas livres ESTUDAS e CASA, e o sinal composto ESCOLA.

- (1) EU IR CASA (opcionalmente reduplicado) ESTUDAR (sempre reduplicado)  
 (2) EU IR CASA+ESTUDAR (ESCOLA)

A diferença está na reduplicação do sinal, ou seja, o toque entre as mãos acontece duas vezes. No exemplo (1) o sinal CASA pode ou não receber reduplicação, enquanto que no exemplo (2), ela nunca acontece. No sinal ESTUDAR, a reduplicação sempre acontece, exceto quando o sinal está no contexto de (2), fazendo parte de um sinal composto. Percebemos uma restrição imposta pelo léxico da língua, de tal forma que o processo de composição acarretou uma perda de informação fonológica do item, assim como ocorre na língua portuguesa em palavras como *aguardente*.

Por fim, há no núcleo do léxico nativo das línguas de sinais, os sinais incompletos, que podem ser vistos como morfemas presos. Em sinais como AJUDAR, DIZER ou CONVIDAR, ao verbo é atribuído uma direção que é considerada um morfema. Sem esta direção, o sinal está incompleto. A direção do verbo pode ser normal, como em DIZER, ou reversa, como em CONVIDAR. Wanderley (2017, p. 151) aponta que

há dois tipos de concordância nos verbos: normal e reversa. Esses dois mecanismos morfológicos verbais atuam como um fator importante na identificação de quem é o possuidor do objeto que marca o pronome número-pessoa. A trajetória do movimento mostra que o sujeito é associado a um sinal desde o início indica a fonte que se move para o alvo por representar a ação e onde finaliza. Ou seja, em um dos exemplos, a fonte é a primeira pessoa e o alvo é a segunda pessoa associada ao ponto estabelecido no espaço em frente ao sinalizante, para o qual o movimento se direciona para demonstrar a função ligada aos seus referentes.

Nesta direção, encontramos o morfema que diz informações sobre o sujeito e/ou objeto. Percebemos, portanto, que este morfema de concordância traz informações essenciais para a semântica e para a sintaxe do verbo. Lillo-Martin & Klima (1986 apud Padden, 1988, p. 56) apontam que “O léxico contém somente um pronome ou marcador de concordância e os componentes da representação sintática ou discursiva da gramática executam a interpretação da indexação e referência.” LILLO-MARTIN & KLIMA, 1986 apud Padden, 1988, p. 56). Dessa forma, morfemas de direção auxiliam na construção sintática de verbos com concordância e direcionais, além disso são base para o entendimento dos sentidos da frase - do que o locutor deseja informar.

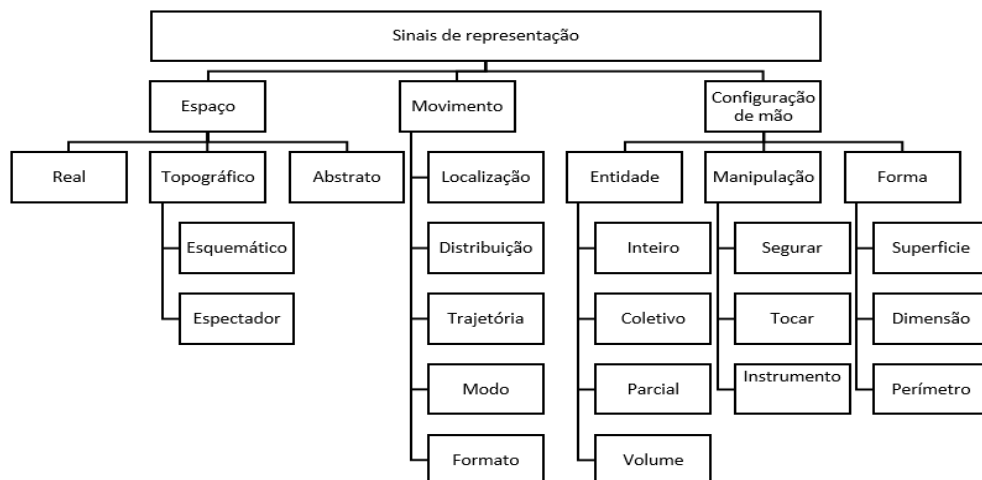
#### **4.4 Léxico nativo não-nuclear**

Falaremos agora do léxico nativo não nuclear. Johnston & Schembri (2007) afirmam que o léxico nativo não nuclear é parcialmente especificado, diferente dos sinais do léxico

nuclear, que são completamente especificados, e é composto por duas partes, os **sinais de apontamento** e os **sinais de representação**. Os sinais de apontamento dizem respeito ao gesto de apontar, comum aos seres humanos, que funcionam como pronomes na Libras, ora pessoais (eu, tu, ele etc.), ora demonstrativos (este, esse, aquele etc.). Muitos sinais relacionados ao corpo humano não possuem um sinal específico, por que apenas o apontamento já é o suficiente para identificar o referente.

Quanto aos sinais de representação, Johnston & Schembri (2007) explicam que eles são diferentes dos sinais do núcleo do léxico porque são criados pelos surdos a partir da combinação das suas unidades. As unidades dos sinais representativos podem gerar novos sinais ou modificar o significado de um sinal lexicalizado ao qual for combinado. Tais combinações ou criações espontâneas, podem vir a se tornar parte do léxico nativo, conforme for convencionalizado pela comunidade surda. O quadro abaixo apresenta um resumo da descrição realizada pelos autores, a qual iremos explicar a seguir.

*Gráfico 1 - Sinais de representação*



**Fonte:** Adaptado de Johnston & Schembri

Apresentaremos as unidades dos sinais de representação e como ocorre a combinação destas unidades para gerar sinais.

#### 4.5 Espaço

Johnston & Schembri (2007) propõem categorias para estas unidades, baseadas no modelo de Stokoe (1960). As categorias são, espaço, movimento e configuração de mão. Para explicar os tipos de unidade de espaço, os autores se baseiam em Liddell (2003) e apresentam três tipos de espaço, o real, o topográfico e o abstrato, focando a descrição no topográfico.

A grosso modo, o espaço real se refere ao local onde os interlocutores estão estabelecendo um diálogo. Os elementos dêiticos, neste caso se referem ao espaço, real. Se eles estiverem em frente a uma escola, e um deles apontar para frente, o apontamento, enquanto elemento dêitico, irá se referir à escola. No espaço abstrato, relações espaciais são estabelecidas para marcar referentes abstratos no discurso. Numa explicação em Libras sobre a diferença entre educação bilíngue e educação inclusiva, o sinalizante pode se referir à educação inclusiva fazendo o sinal à sua direita, e educação bilíngue à sua esquerda. Assim, quando quiser se referir a uma ou a outra, poderá apontar para a esquerda ou para a direita, sem precisar repetir os sinais.

Quanto ao espaço topográfico, em que se concentra os dados e a análise desta pesquisa, Johnston & Schembri (2007, p. 165) explicam que

Primeiramente o espaço topográfico pode ser usado como se fosse um modelo ou mapa em escala reduzida do ambiente físico. Isso é conhecido como espaço esquemático. Em segundo lugar, os sinalizantes podem usar o espaço ao redor de seus corpos para refletir o ponto de vista de um indivíduo em um ambiente em tamanho real. Isso é conhecido como espaço do espectador.

Vemos que o espaço topográfico é subdividido em dois tipos, *o espaço esquemático* e *o espaço do espectador*. No primeiro, a realidade é recriada pela língua numa escala menor para que a descrição ou narração seja contada de maneira direta. Numa mímica, para mostrar que entrou no carro, o mímico deverá se mover numa escala real, imaginando um carro com o mesmo tamanho, com portas, volante, etc. Neste uso do espaço, o sinalizante poderá se valer de uma escala reduzida para que a comunicação seja produtiva. Já no segundo, a realidade é imaginada na mesma escala, mas a interação do interlocutor não é com a realidade à sua volta, mas com elementos que ele compõe a partir do uso das mãos e do corpo.

Figura 7 - Sinal de Moto




Fonte: Elaborado pelo autor

A partir da leitura das imagens acima, vemos que, mesmo sendo o mesmo referente – uma pessoa pilotando uma moto, a configuração visual é diferente, pois o uso do espaço muda, já que no primeiro é utilizado o espaço esquemático, e no segundo, o espaço do espectador.

#### 4.6 Movimento

O movimento, assim como o espaço e a configuração da mão são unidades que precisam ser combinadas para produzirem significado. Os tipos de movimento a seguir carregam informações que quando combinadas com um tipo de espaço e de configuração, podem gerar novos significados. Os tipos de movimento nos sinais de representação segundo Johnston & Schembri (2007) são: Localização, Distribuição, Trajetória, Modo e Formato. Falaremos sobre cada um deles.

O movimento de localização, por mais que seja caracterizado como movimento, indica somente a localização do referente no espaço. Quando a configuração 26(  ), que é utilizada para representar uma pessoa, é realizado pelo sinalizante no seu lado direito, o movimento da mão até parar no espaço à direita serve para apontar a localização da pessoa, não para indicar que esta pessoa está se movendo.

No movimento de distribuição, uma mesma configuração pode ser utilizada para marcar diferentes referentes em disposição no espaço. Ao explicar que há uma pessoa à


esquerda, uma pessoa à frente e uma pessoa à direita, o sinalizante usará a configuração 26 parando à esquerda, depois à frente e depois à direita, mas não significa que uma mesma pessoa está se movendo, mas sim que há três pessoas no ambiente.


Já no movimento de trajetória, ao sinalizar a configuração 26 indo da esquerda para a direita, o sinalizante representa que uma pessoa saiu do lado do seu lado esquerdo para o seu lado direito, o que é muito parecido com o movimento de modo, que indica especificamente a maneira como o objeto ou a pessoa se moveu. Já no movimento de formato, as mãos se movem, mas no sentido de descrever o objeto ou pessoa, não no sentido de dizer que o objeto ou pessoa estão se movendo.

#### 4.7 Configuração de mão

Como vimos no quadro acima, as configurações de mão são divididas em três subgrupos: Entidade, Manipulação e Forma. Estas configurações interagem com os tipos de movimento e espaço para gerar significados. Para Johnston & Schembri (2007) as configurações de mão podem representar entidades inteiras, parciais, coletivos ou volumes.

A configuração de mão 26, como vimos, pode representar uma pessoa. Em contrapartida, temos configurações que representam partes do corpo como a configuração 51

() com a palma voltada para baixo, que representa um pé, feito com as duas mãos é possível representar os pés se movendo enquanto uma pessoa está andando. Além de pessoas, animais, veículos e outros objetos podem ser representados em sua totalidade, como avião, árvore, cobra etc. Da mesma forma que a configuração 26 pode representar uma pessoa, a


configuração 54() pode representar várias pessoas. Neste sentido, esta configuração é de coletividade, que se difere da configuração de volume, que representa um amontoado, seja de papel, de livros, ou um volume líquido, como um copo com a água, ou uma piscina (JOHNSTON & SCHEMBRI, 2007).

Falaremos agora das configurações de manipulação. Para Johnston & Schembri (2007) essas configurações fazem partes de sinais que dizem respeito a interação com objetos. Os autores explicam que, “essas formas de mãos fazem parte da representação de verbos que se concentram em como um humano ou animal lida com algum referente e o que acontece com ele como resultado desse manuseio.” (JOHNSTON & SCHEMBRI, 2007, p. 169). Estas formas de interação podem ser subdivididas em três: Segurar, Tocar e de Instrumento.

Nas configurações de segurar, temos como exemplo na Libras a configuração 63 (




), comumente usada para manuseio de objetos finos, como bolacha (levando à boca),

agulha e pincel. Utilizamos também a configuração 12 () para manusear objetos arredondados, como frutas, copos e bolas pequenas.

Já nas configurações de tocar, a interação não envolve segurar o objeto, mas somente o toque já o caracteriza. Temos como exemplo o sinal NOTEBOOK, com a configuração 15(





) movimentando os dedos, como se estivesse digitando, tocando as teclas, ou utilizar esta mesma configuração com as duas mãos para representar um tambor sendo tocado.

Temos nessa classe ainda as configurações de instrumento, que, como o nome sugere, representam instrumentos ou ferramentas. Em Libras, utilizamos a configuração 68 () para representar um celular, quando colocamos a mão na região do ouvido. Os autores apontam que este tipo de manipulação se parece com as configurações de entidade, já que, no caso do celular, o celular inteiro é representado pela mão, entretanto, a principal marca do sinal é como uma pessoa manuseia o celular representado pela mão, seja colocando-o no ouvido, ou guardando-o no bolso ou sobre uma mesa.


A última categoria de configuração de mão é a Forma. Os autores a chamam de SASS, que significa *Size and shape specifiers* (especificadores de tamanho e forma), no entanto, por uma questão didática, decidimos utilizar somente uma palavra para traduzir esta categoria. Para Johnston & Schembri (2007) A configuração de Forma “se refere às formas de mãos do classificador usadas para descrever o objeto referente, descrevendo sua forma e tamanho.” (JOHNSTON & SCHEMBRI, 2007, p. 170), e podem ser subdivididas em Superfície, Dimensão e Perímetro.

As configurações de superfície representam a forma da superfície, se ondulada, plana

etc. A exemplo disto, utilizamos a configuração 51 () para indicar a superfície de uma estrada. Neste caso, o movimento vai indicar se a superfície é reta e plana, ondulada, ou um declive. Já as configurações de dimensão, servem para dar uma noção relativa de dimensão

dos objetos, como quando utilizamos a configuração 12 () com as duas mãos para indicar um tronco de uma árvore. Por fim, as configurações de perímetro se apresentam como uma forma de representar a forma, desenhando o contorno do objeto. Podemos utilizar a



configuração 26(  ) para desenhar com as duas mãos um quadro, fazendo, com cada mão, uma parte do quadro, ou podemos desenhar um triângulo somente com uma mão.


A partir desta breve reflexão, podemos perceber a riqueza do léxico em relação à quantidade informações linguísticas que ele carrega. A seguir, apresentaremos brevemente o fenômeno da lexicalização na Libras, apresentando conceitos e trazendo exemplos.

#### 4.8 O processo de Lexicalização

Para Johnston & Schembri, a lexicalização pode ser caracterizada como “o processo em que os sinais compostos por muitas unidades significativas e separadas passam a atuar como morfemas únicos.” (JOHNSTON & SCHEMBRI, 2007, p. 174). Este processo pode acontecer com sinais que já estão no núcleo do léxico ou com empréstimos de línguas orais ou de sinais, ou com sinais de representação que vão para o núcleo, conforme veremos nos exemplos a seguir

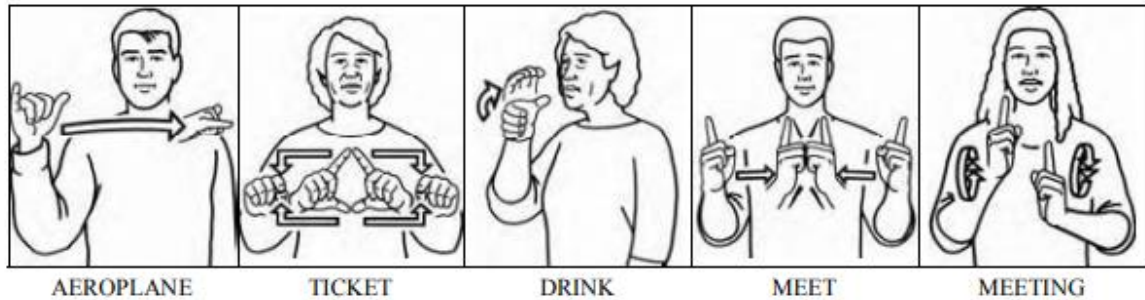
Um exemplo da junção de dois sinais do núcleo que se juntam formando um novo sinal é o sinal ESCOLA, como vimos, que é a junção de CASA+ESTUDAR.

No caso de sinais emprestados, temos o exemplo do sinal NUNCA na Libras. Inicialmente o sinal era feito soletrando cada uma das configurações referentes às letras da


palavra: N-U-N-C-A com as configurações 41,44, 12 e 4 (  ). No processo de lexicalização, o número de configurações foi reduzido e um movimento foi atribuído ao sinal, de forma que hoje o sinal ainda possui configurações de mão referentes à letras, mas agora somente N-U-N é produzido. Note-se que as configurações 41 e 44 possuem a mesma seleção de dedos (indicador e médio), mudando apenas a direção dos dedos, pois em 41 a direção é para baixo e em 44 a direção é para cima. O sinal, portanto, ganhou um movimento no pulso para baixo, para cima e para baixo, podendo ser repetido diversas vezes, no sentido prosódico para dar intensidade, sem alterar o significado. Ou seja, mesmo que alguém realize N-U-N-U-N-U, o sinal será interpretado como NUNCA com uma marca de repetição prosódica.

Os casos de empréstimos de língua oral que se lexicalizam são mínimos, se comparados com os casos de sinais de representação que vão para o núcleo do léxico. Johnston & Schembri ilustram a lexicalização dos sinais em AUSLAN para AEROPLANE (avião), TICKET (bilhete), DRINK (beber), MEET (encontrar) e MEETING (encontro) com a figura a seguir:

Figura 8- Sinais em ASL



Fonte: JOHNSTON & SCHEMBRI- Australian Sign Language - 2007


Os exemplos ilustrados apresentam uma clara evidência de que tem uma raiz como sinal de representação. Ou seja, a formação do sinal vêm das unidades dos sinais de representação, mas com o tempo os sinais vão se lexicalizando, tomando uma forma estática. Os autores dizem que, no caso de MEET, o sinal deriva do classificador de entidade com a configuração 26( ) feita para uma pessoa indo ao encontro de outro classificador de entidade com a mesma configuração, representando duas pessoas se encontrando. No entanto, o sinal MEET, assim como o sinal ENCONTRAR, na Libras (realizado com os mesmos classificadores) não dizem respeito somente ao encontro de duas pessoas, mas a qualquer encontro de pessoas, incluindo encontros nacionais, que envolvem centenas de pessoas.

Outro exemplo de lexicalização ocorre no sinal MESA na Libras, ilustrado a seguir:

Figura 9 - Sinal de mesa



Fonte: Elaborado pelo autor

Ao observarmos o sinal de MESA, realizado com a configuração 51( ) com ambas as mãos fazendo um movimento horizontal, iniciando com as mãos juntas com as palmas para baixo e depois se afastando para então fazerem um movimento vertical simétrico para

baixo. Quando observamos este sinal lexicalizado, vimos que ele deriva de um sinal de representação, pois se apresenta num espaço esquemático, já que é feito numa escala reduzida, num movimento de formato, já que o movimento acontece para desenhar a forma do objeto, e numa configuração de superfície, representando a superfície reta do objeto.

A lexicalização é um fenômeno presente em todas as línguas, mas nas línguas de sinais, e no caso desta investigação, a Libras, este fenômeno é bastante produtivo. Isto se deve, tanto ao fato de que não há um ensino padronizado da Libras em todo o Brasil, nem meios de comunicação de massa, como acontece com o português, por exemplo. Por conta disso, cada região apresenta sinais específicos, que surgiram da maneira como os surdos se comunicam entre si. Em lugares como o interior dos estados, a variação é ainda mais presente, já que os recursos para uma aquisição padrão da Libras são menores.

Vale salientar que este fenômeno não é visto aqui como negativo, pois mostra como a Libras é uma língua natural como qualquer outra, capaz de, através do uso dos falantes, aumentar o seu léxico e se manifesta de maneira diversa em cada comunidade. O que acontece na Libras aconteceria no português hoje, caso não houve canais de comunicação em massa utilizando o português, nem um ensino padrão nacional em todas as escolas. A seguir veremos alguns estudos que apresentam esta variação lexical presente na Libras.

## 5 METODOLOGIA

Para cumprir os objetivos propostos, foi utilizada a metodologia laboviana para coleta e análise dos dados. Vale salientar que não foram contemplados todos os procedimentos metodológicos previstos por Labov (1972), tanto em relação a estratificação dos participantes, quanto em relação a entrevista e a análise dos dados, uma vez que a pesquisa em língua de sinais apresenta diferenças em relação a pesquisa de línguas orais. Por se tratar de uma investigação recente no Brasil, e, por conta disso, não haver aplicações do método laboviano à risca, foi proposta uma metodologia voltada para as especificidades do fenômeno e da língua a qual foi investigada.

### 5.1 Seleção dos participantes

Conforme os objetivos, trabalhamos com três regiões de Alagoas, Maceió (capital), São Miguel dos Campos e Arapiraca. Nestas três cidades, percebemos um grande quantitativo surdos e um forte movimento da comunidade surda. Estratificamos a amostra entre homens e mulheres, para observar as possíveis interferências da variável sexo/gênero e, por fim, separamos os surdos entre surdos com ensino médio (cursando ou concluído) e surdos com ensino superior (cursando ou concluído). Todos os surdos apresentam perda profunda, são nativos de Maceió, São Miguel dos Campos e Arapiraca estão entre 20 e 40 anos, ou seja, são todos adultos. A estratificação pode ser representada da seguinte maneira:

**Variável regional:** MACEIÓ (MCZ); SÃO MIGUEL DOS CAMPOS (SAO) E  
ARAPIRACA (ARA)

**Variável sexo:** Homem (H) e Mulher (M)

**Variável escolaridade:** Ensino médio (EM); Ensino superior (SU)

Dessa forma, uma célula contém 12 participantes. Por se tratar de uma dissertação de mestrado, em que o tempo para a coleta e a análise é um tanto curto, trabalharemos somente com uma célula, conforme o quadro a seguir:

Quadro 5 - Códigos dos participantes

	<b>Código do Participante</b>
1	H-EM-MCZ
2	M-EM-MCZ
3	H-SU-MCZ
4	M-SU-MCZ
5	H-EM-SÃO
6	M-EM-SÃO
7	H-SU-SÃO
8	M-SU-SÃO
9	H-EM-ARA
10	M-EM-ARA
11	H-SU-ARA
12	M-SU-ARA

**Fonte:** elaborado pelo autor (2020)

**Obs:** O código obedece a sequência sexo/gênero-escolaridade-região

Seguindo a proposta de Tarallo (2003, p.27-28), o pesquisador foi a cada município para que surdos participantes possam se sentir mais à vontade quanto à participação na pesquisa. Vale salientar que o pesquisador conhece os participantes, pois é ativo na comunidade alagoana há muitos anos e possui um vínculo com os grupos de pessoas surdas no estado.

## 5.2 A coleta de dados

Para a coleta de dados, utilizaremos como modelo, Moraes (2018). O autor realizou uma pesquisa em Maceió-AL com crianças surdas e ouvintes buscando investigar como estas crianças produziam hipônimos e hiperônimos para animais. A pesquisa partir de *tarefas de*

*produção eliciada* (GROLA & SILVA, 2014). Este método consiste em incentivar a produção por parte do participante de um determinado dado linguístico, objeto da pesquisa. De acordo com Moraes (2018), foram “apresentadas às crianças fichas com imagens dos animais” (MORAES, 2018, p. 90) para que a partir deste incentivo as crianças produzissem o léxico a ser investigado. Nossa pesquisa seguirá este método de coleta.

O pesquisador surdo portanto, entrou em contato com os surdos que farão parte da pesquisa. Após confirmar a participação dos surdos em cada região, o pesquisador se dirigiu a cada município no dia e horário pré-agendado com os participantes surdos. As entrevistas aconteceram em escolas públicas ou na casa dos participantes, de acordo com a necessidade de cada um. Para a gravação dos dados, foi utilizado um celular *smartphone*, suspenso em um tripé. A câmera foi enquadrada de maneira que o participante e o pesquisador sejam vistos. As imagens do participante foram projetadas quase que lateralmente, conforme a imagem a seguir.

*Figura 10 - Exemplo de captura de sinal*



**Fonte:** Moraes (2008, p. 123)

A pesquisa foi realizada com 12 indivíduos surdos, oriundos de 3 municípios do estado de Alagoas. Dentre estes, homens e mulheres, na faixa etária de 20 a 40 anos, dispostos em dois grupos: os que estão cursando ou já cursaram o ensino médio e os que estão cursando ou concluíram o ensino superior.

Antes de iniciar a pesquisa, cada participante assinou o Termo De Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (modelo em anexo I) e respondeu uma ficha social para registo das informações do perfil de cada surdo (modelo em anexo II). Ao iniciar a entrevista, o pesquisador delineou como seriam feitas as perguntas e que ao mostrar uma folha A4 com uma imagem o participante surdo deveria realizar o sinal para os 5 referentes lexicais. Referentes estes, que foram selecionados a partir de observações *in locu*, como associações e eventos com a temática da surdez e a libras, onde notou-se que alguns surdos enunciavam

alguns sinais com os mesmos significados usando ítems lexicais distintos, dentre os quais estavam os ítems analisados nesta pesquisa. Foi apresentado aos surdos as seguintes imagens:





<p><i>Figura 11 - CENTRO</i></p>	 <p><b>Fonte:</b> <a href="https://images.app.goo.gl/4SXCSz8HUT4T18uXA">https://images.app.goo.gl/4SXCSz8HUT4T18uXA</a></p>
<p><i>Figura 12 - PONTO DE ÔNIBUS</i></p>	 <p><b>Fonte:</b> <a href="https://images.app.goo.gl/Nwxszu4h8XtUgwRc7">https://images.app.goo.gl/Nwxszu4h8XtUgwRc7</a></p>
<p><i>Figura 13 – MARACUJÁ</i></p>	 <p><b>Fonte:</b> <a href="https://images.app.goo.gl/ZHWYTF8bL99kApGe8">https://images.app.goo.gl/ZHWYTF8bL99kApGe8</a></p>
<p><i>Figura 14 - GOIABA</i></p>	 <p><b>Fonte:</b> <a href="https://images.app.goo.gl/3ipkK6b3JH9tT3xb7">https://images.app.goo.gl/3ipkK6b3JH9tT3xb7</a></p>

Figura 15 - AMENDOIM



Fonte: <https://images.app.goo.gl/ZSrKSPuj8g26pfAW6>

Quando o participante não realizava o sinal do referente, o pesquisador fez pequenas interferências, perguntando se o participante gosta da fruta, ou se já foi ao lugar. Vale salientar que em nenhum momento o pesquisador produziu sinal algum para o referente. Quando precisou fazer qualquer tipo de referência, fez uso de apontação com o olhar ou com o dedo indicador, fazendo uso de dêixis.

### 5.3 Tratamento e Análise dos dados

Os vídeos foram salvos no disco virtual *Google Drive* após a coleta nos três municípios, assistir aos vídeos e tirar *printscreens* do vídeo no momento em que o participante realizou cada sinal pesquisado. Cada *print* diz respeito a um *token* a ser analisado. Desta forma, sendo 12 participantes, realizando 5 sinais, 60 *tokens/prints* foram analisados. Por fim, foi feito um quadro no programa *Word* com a produção de cada participante para cada imagem de referência. Para a análise dos dados nos gráficos foi utilizado o programa *Excel* no qual foi realizada a escolha dos gráficos do tipo *coluna agrupada* e logo após foram inseridos os dados variantes e a quantidade de participantes. A análise de dados consistiu em duas etapas. Na primeira etapa, descrevemos os dados linguísticos, utilizando como base Johnston & Schembri (2007). Na segunda etapa, utilizamos a base teórico metodológica da Teoria Variacionista proposta por Labov (1972) para analisar as variáveis sociais envolvidas nesta pesquisa.



## 6 ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, apresentaremos os dados coletados, realizando uma descrição e análise linguística e, em seguida, apresentaremos e discutiremos os resultados da análise sociolinguística quantitativa das variáveis sociais sexo e escolaridade e da variável regional. Faremos também um breve relato de experiência trazendo as dificuldades e facilidades da coleta de dados em Libras com surdos.

### 6.1 A descrição dos dados linguísticos

Neste capítulo, realizaremos uma descrição das variantes encontradas para os itens coletados. É importante apresentar o que estamos chamando de variação lexical, se opondo a variação fonológica. As variações fonológicas são caracterizadas pela alternância de um parâmetro (movimento, locação, configuração de mão e orientação) num mesmo sinal, com a mesma estrutura lexical, ou seja, trata-se de uma mesma entrada lexical, com uma diferença fonológica de produção. Na variação lexical, além da diferença entre mais de um parâmetro, há uma diferença na estrutura lexical do sinal, no que diz respeito às unidades de representação, por exemplo. Esta distinção é importante, pois encontramos um par de sinal, apresentado a seguir, que apresentou uma variação fonológica na direção do movimento, mas como estaremos analisando somente a variação lexical, consideramos os dois sinais como sendo um único item lexical.

*Figura 16 - Variação na direção do movimento em GOIABA*



**Fonte:** elaborado pelo autor (2020)

Houve, por outro lado um caso de dois sinais, ilustrados a seguir, que não apresentaram uma variação significativa na estrutura fonológica, no entanto, as suas estruturas lexicais são diferentes, que serão descritas logo mais, portanto, os consideraremos como sendo dois itens.

*Figura 17 - Variação lexical no sinal AMENDOIM*



**Fonte:** elaborado pelo autor (2020)

Dito isto, descrevemos agora as variantes por item, levando em conta seus aspectos fonológicos, para efeito de análise, e lexicais. O primeiro item é AMENDOIM. As variantes encontradas para o item estão ilustradas no quadro a seguir.

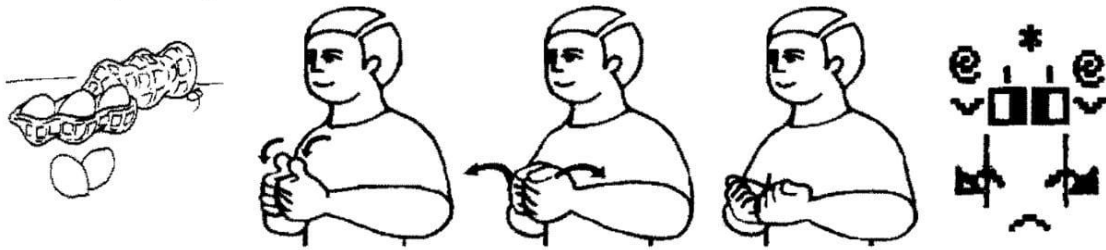
Quadro 6 - Variantes




**Fonte:** elaborado pelo autor (2020)


Iniciaremos pela primeira variante. Esta variante apresenta três partes, as quais explicaremos separadamente e, por fim, falaremos sobre as três em conjunto. Iniciaremos pela primeira parte do sinal. Quando realizamos a busca no dicionário Fernando C. Capovilha para sabermos o sinal para este item, esta parte da variante apareceu isoladamente como sinal, conforme ilustração a seguir.


Figura 18 - Sinal para AMENDOIM segundo o dicionário Fernando C. Capovilha



Fonte: Dicionário - Fernando C. Capovilha

Esta parte é feita com a configuração 4 () com as duas mãos realizando um movimento de dentro pra fora com as duas mãos no espaço neutro. Do ponto de vista do sinal de representação, vemos que o sinal é feito no espaço do espectador, já que representa alguém abrindo um amendoim. O movimento é de modo, já que o movimento representa a maneira como o sinalizante manuseia o amendoim. A configuração é de manipulação, mais especificamente de segurar, que é, junto com o movimento, a principal marca de iconicidade do sinal, a maneira como se abre um amendoim.



Na segunda parte, o sinalizante utilizou a configuração 4 () com uma mão próximo a boca, sem contato. Enquanto a mão faz um movimento breve com os dedos, a boca sopra a mão. Este sinal de representação também é feito no espaço do espectador, com um movimento de modo e uma configuração de segurar. O sinal é icônico da maneira como uma pessoa tira a pele vermelha do amendoim.

Na terceira parte, o sinal é feito com a configuração 51 () em ambas as mãos. As mãos estão realizando um movimento alternado para frente e para trás em contato deslizando uma na outra no espaço neutro. Não diferente das partes 1 e 2, do ponto de vista da representação, o sinal é feito no espaço do espectador, com um movimento de modo, e com a configuração de manuseio. Neste exemplo, o sinal representa o sinalizante esfregando o amendoim nas mãos para sair a pele vermelha, de uma forma diferente da variante 2.


Quanto ao conjunto das três partes, percebemos que há uma sequência na maneira como a pessoa que sinalizou, entretanto, é possível que a pessoa tenha dito as diversas variantes para o mesmo sinal, no sentido de ser mais assertivo.

A variante 2 apresenta a mesma estrutura fonológica e lexical da segunda parte da primeira variante. Por esta razão, não precisaremos descrevê-la novamente. O mesmo

acontece com a variante 3, que tem a mesma estrutura da terceira parte da variante 1. Nos deteremos em analisar agora a variante 4, que apresenta uma diferença estrutural.

A variante 4 se assemelha de certa forma à primeira parte variante 1, pois também representa uma pessoa tirando a casca do amendoim, no entanto, do ponto de vista morfológico, há algumas diferenças. Com a mão esquerda, sendo esta a mão não dominante, o sinalizante utiliza a configuração 26(  ) com o dedo apontando para frente no espaço neutro. Com a mão dominante, o sinalizante, com a configuração 4(  ), inicia o movimento em contato com a mão não dominante e, em seguida, se afasta para o lado direito com um movimento semicircular.

Quanto às unidades de representação, vemos que o sinal é feito no espaço do espectador, com um movimento de modo, assim como as demais variantes. No entanto, as configurações têm naturezas diferentes. A configuração 26 da mão não dominante é de entidade inteira, já que representa o próprio amendoim, enquanto que a configuração 4 da mão dominante é de manipulação, assim como as demais.

É importante pontuar que, apesar de aparecer tanto na primeira, quanto na segunda parte da variante 1, e na variante 4, a configuração 4(  ), que representa também a letra A de amendoim no português, não consideramos que houve aqui um empréstimo, pois em todos os casos a configuração atuou como elemento de representação. O fato de a configuração ser também a primeira letra da palavra no português foi descartada, apesar de haver alguma relação.


As variantes 5 e 6 são combinações de partes estruturas já descritas. A variante 5 se difere da variante 1, pela ausência da primeira parte, pois aqui o sinal é produzido com duas partes, a de assoprar a mão e a de esfregar as mãos, segunda e terceira parte da variante 1, respectivamente. Já na variante 6, há uma combinação entre a variante 4 e a terceira parte da variante 1. Como nós já descrevemos as partes destes sinais, não se faz necessária uma nova descrição.

O segundo item é CENTRO e suas variantes serão descritas a seguir:

Quadro 7 – Variantes do sinal CENTRO




Fonte: elaborado pelo autor (2020)

A primeira variante é feita com a configuração 26( ) tocando inicialmente a testa e, em seguida, realizando um movimento circular ao redor do rosto, finalizando com um toque na testa novamente. Inicialmente não identificamos uma referência para este sinal, no entanto, ao pesquisarmos mais a fundo, descobrimos que esta variante, realizada por surdos de Maceió, pode ter relação com um relógio que ficava num monumento em Maceió até os anos 90, já que este sinal também significa HORAS (no sentido de quantidade<sup>3</sup>) em Libras. Podemos concluir que a variante surgiu de um sinal do núcleo do léxico.

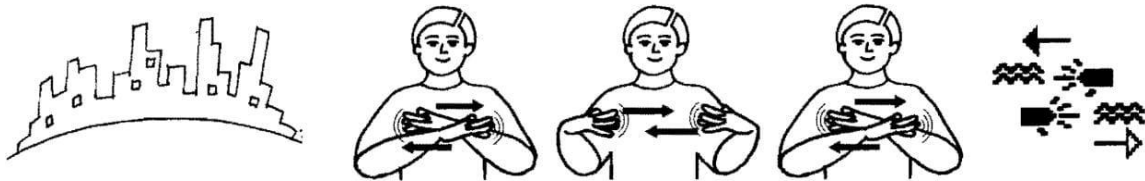
No entanto, para efeito de análise, iremos apresentar uma descrição do sinal CENTRO/HORAS do ponto de vista da representação. Na raiz do sinal, percebemos que ele está no espaço esquemático, já que a escala do relógio é redimensionada para o rosto. Quanto ao movimento, ao entendermos que o dedo simboliza o ponteiro de um relógio, podemos

<sup>3</sup> Ao realizamos a busca no Aplicativo, uma outra variante apareceu para horas no sentido de quantidade, por esta razão não aplicamos a verificação neste sinal.

pontuar o movimento como sendo de trajetória e a configuração como sendo de entidade inteira.

Quanto à segunda variante, o sinalizante utilizou a configuração 54() com as duas mãos com as palmas voltadas para o corpo. As mãos fazem um movimento externo alternado para a esquerda e para a direita e um movimento interno oscilando os dedos, no espaço neutro. Como na variante anterior, o sinal vem de um outro sinal lexicalizado, desta vez, do sinal para CIDADE, conforme a imagem a seguir:

*Figura 19 - Sinal CIDADE em Libras segundo o dicionário Fernando C. Capovilha*



**Fonte:** Dicionário Fernando C. Capovilha

É possível que isto se deva ao fato de que, no interior é muito comum se referir ao centro da cidade como a cidade em si. Diferente do sinal anterior, neste sinal não vemos marcas claras de representação. Uma hipótese é de que as mãos representem muitos automóveis, como se cada mão representasse uma via, indo e vindo, no entanto, a orientação da palma da mão não está com a palma voltada para baixo, como as configurações para automóveis comumente são produzidas. Possível que, no processo de lexicalização a iconicidade do sinal já tenha se perdido com a mudança da orientação.



A variante 3 é realizada com a configuração 13() na mão dominante sobre a mão não dominante, cuja configuração é a 54() , que está com a palma voltada para cima. Não há movimento no sinal e o ponto de articulação é o espaço neutro. Este sinal foi encontrado no dicionário Fernando C. Capovilha quando realizamos a busca CENTRO DA CIDADE, conforme a figura a seguir.




Figura 20 - Sinal em Libras CENTRO DA CIDADE segundo o dicionário Fernando C. Capovilha



Fonte: Dicionário Fernando C. Capovilha

Este sinal também é utilizado para “centro” no sentido de organização institucional, como um Centro de formação ou de apoio, por exemplo. Não encontramos uma relação de representação icônica para este sinal, senão o fato de ele apontar para o centro da mão, uma vez que os dedos da mão abertos e separados. Neste sentido, este sinal estaria no espaço esquemático, já que o arranjo das mãos seria o centro como um todo numa escala reduzida. Não há movimento no sinal e a configuração para este sinal é de entidade inteira, já que a mão dominante representa todo o centro.

Na variante 4, vemos uma composição com dois sinais com uma estrutura parecida. Em uma delas, há a presença da variante 2, que também significa CIDADE, como vimos. Desta feita, descreveremos somente a segunda parte da variante.

Nesta segunda parte, vemos a configuração 54(  ), a mesma do item dois, com o mesmo movimento, realizando um movimento externo alternado, só que para frente e para trás, com um movimento interno oscilando os dedos, no espaço neutro. A orientação desta vez está para o lado, com a ponta dos dedos para cima. Com isso, vemos mais claramente a representação do sinal. O espaço é esquemático, já que as pessoas são reduzidas ao tamanho dos dedos, e o movimento é de trajetória, indicando que há pessoas andando para um lado e para outro.

A configuração das mãos é de entidade do tipo coletiva. A respeito desta classe, Johnston & Schembri (2007) afirmam que as principais formas de mãos deste grupo são usadas para representar grandes grupos de objetos ou o movimento de líquidos, utilizando a configuração de mão 5, que pode ser usada para mostrar o movimento e a localização de uma multidão de pessoas” (JOHNSTON & SCHEMBRI,2007, p. 169). A configuração 5, dita



pelos autores, é exatamente a configuração 54 utilizada nesta variante. Neste sentido, há uma complementação entre os sinais para representar o centro da cidade, pois o sinal para CIDADE, representa automóveis, enquanto que este representa pessoas.


No entanto, há outra explicação possível para esta composição. Assim como ocorreu no item AMENDOIM, há duas variantes que são combinações das variantes já descritas. A variante 4, já descrita e a variante 5, que é uma composição entre as variantes 1 e 2. Em ambos os casos, há a presença da variante 2. É possível que na descrição da imagem, os surdos que produziram as variantes 4 e 5 estavam querendo “centro da cidade” e não somente centro.

O terceiro item é GOIABA, que apresenta 5 variantes, as quais descreveremos a seguir.

*Quadro 6 - Variante do sinal de GOIABA*



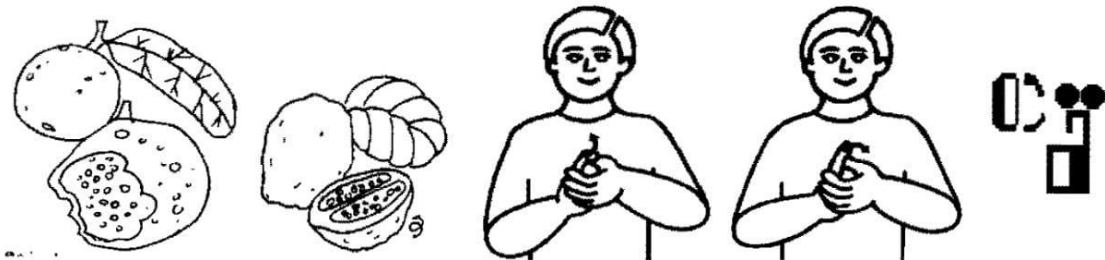
**Fonte:** elaborado pelo autor (2020)

A primeira variante é realizada com a configuração 12 () voltada para o corpo na região da boca, sem contato, e com um movimento caracterizado como um pequeno arco para baixo. Em se tratando do espaço, a variante está no campo do espaço do espectador, já



que há uma tentativa de representar uma pessoa comendo a fruta. Quanto ao movimento, temos um movimento de modo, indicando como o objeto está sendo manuseado. Por fim, a configuração é de manipulação, mais especificamente da classe segurar, já que a variantes representa o sinalizante segurando a goiaba.

Na variante 2, vemos o mesmo sinal que aparece no dicionário Fernando C. Capovilha, conforme ilustração a seguir.



*Figura 21 - Sinal GOIABA em Libras, segundo o dicionário Fernando C. Capovilha*



**Fonte:** Dicionário Fernando C. Capovilha

A variante é produzida com duas configurações. Na mão não dominante, vemos a configuração 12 () deitada com a palma voltada para o lado e na mão dominante, a configuração 25 () realizando um movimento interno ondulado (contraindo, fechando e abrindo duas vezes) o dedo indicador encaixando o corpo da mão dominante no espaço entre o polegar e os dedos da mão não dominante. Os sinais está no espaço neutro.

Quanto às unidades representativas, vemos que a combinação entre a mão base e o corpo da mão dominante forma uma estrutura circular, que representa a própria fruta, enquanto que o dedo indicador representa uma larva, conhecida popularmente como “bicho da goiaba”. Por mais que esta larva de moscas apareça em diversas frutas, a goiaba é mais conhecida pelo senso comum como sendo a fruta que carrega as larvas. Esta marca acabou sendo tão característica da fruta que é utilizada nesta variante para representar a fruta. Neste caso, as mãos formam duas configurações de entidade inteiras, uma da fruta e uma da larva. O movimento é de modo, pois indica como a larva se movimenta, o espaço é esquemático, uma vez que redimensiona a fruta e a larva.

Por fim a variante 3, que apresenta a configuração 12 () na mão base e a configuração 25 () na mão dominante, ambas no espaço neutro. A mão dominante faz um movimento de oscilação no dedo indicador, como se estivesse tocando várias vezes no espaço entre o polegar e os dedos da mão base. Este movimento representa as sementes da goiaba, como se a mão base estivesse representando a fruta partida.

Diferente da variante 2, o movimento se encontra no espaço espectador. A diferença é sutil e repousa na mão base, que na variante 2 representa o objeto e na variante 3 representa a pessoa pegando o objeto, por mais que a mão direita esteja agindo como um adjetivo trazendo informações sobre a sua aparência. Quanto ao movimento, desta vez é de distribuição, pois cada toque representa uma semente. A configuração da mão base é de manipulação, de segurar, e a configuração da mão dominante é de forma da superfície.

Houve também para este item, composições de sinais. A variante 4 é uma composição das variantes 1 e 3, juntando o sinal que faz referência a comer a fruta com o sinal que descreve as sementes da fruta. A variante 5 é uma composição entre as variantes 1 e 2, e mais uma vez ele faz a referência a comer a fruta e, em seguida, o sinal com a larva da mosca. Isto acontece porque, o sinal de comer a fruta também significa FRUTA como um hiperônimo. Então estas composições envolvem um hiperônimo e um especificador, um tipo de composição que aparece na Libras em sinais hipônimos, segundo Santos (2018).

O quarto item é MARACUJÁ e suas variantes são 4, conforme a figura a seguir:

Quadro 7 - Variante do sinal de MARACUJÁ




Fonte: elaborado pelo autor (2020)

A primeira variante foi encontrada no aplicativo Handtalk, quanto realizamos a busca, conforme a ilustração a seguir.

*Figura 22 - Sinal para MARACUJÁ em Libras, segundo o aplicativo Hand talk.*



**Fonte:** Aplicativo Handtalk

A variante foi sinalizada pelos surdos da pesquisa com a configuração 54 (  ) com um movimento de oscilação nos dedos sobre a lateral esquerda do peito, com a palma voltada para dentro. O sinal é lexicalizado e se apresenta sem uma relação de representação com o referente. No entanto, ao realizarmos a pesquisa em outros dicionários, encontramos um sinal próximo aos sinais apresentados, mas com uma configuração e movimento diferentes, conforme a figura a seguir:

*Figura 23 - Sinal de Maracujá*



**Fonte:** Mini Dicionário SAT (2010, p. 61)


Esta outra variante foi fundamental para que pudéssemos entender a raiz do sinal. O sinal da variante do mini dicionário também significa CORAÇÃO em Libras. Como a flor do maracujá no Brasil é chamada de flor da paixão, é possível que tenha surgido do referente paixão o sinal ligado ao coração. Esta variante, portanto, tem como raiz outro sinal lexicalizado. Diferente de outras variantes descritas, em que o sinal raiz apresentava uma representação, neste sinal, o sinal, além de não se referir à paixão, diretamente, também não apresenta muitas unidades de representação, tendo somente o ponto de articulação em comum com o referente. Em suma, podemos dizer que não há marcas de iconicidade nesta variante em relação ao sinal MARACUJÁ.

A segunda variante também surge de outro sinal do núcleo do léxico. Desta vez, o sinal SONO é utilizado como uma referência semântica do efeito que o suco de maracujá pode ter quando alguém o toma. A relação entre a fruta e o efeito é tão comum para as pessoas desta comunidade que o sinal SONO se tornou representativo da fruta. No dicionário Fernando C. Capovilha, o sinal é feito da mesma maneira. Figura a seguir

*Figura 24 - Sinal para SONO em Libras, segundo o dicionário Fernando C. Capovilha*



**Fonte:** Dicionário Fernando C. Capovilha

A variante é feita com a configuração 21 () no ponto de articulação próximo ao olho, com um movimento interno de fechar e abrir os dedos indicador e polegar. Do ponto de vista da representação, o espaço é esquemático, já que os dedos representam as pálpebras numa escala diferente. O movimento é de modo, indicando como a pálpebra se desloca, e a configuração é parcial, já que representa uma parte do corpo.

A variante 3 foi realizada da mesma maneira que a variante 4 do item goiaba. Uma mesma pessoa produziu as duas variantes. É possível que o surdo não conheça os sinais para os referentes e, por conta disso, se apoiou na descrição da imagem apresentada, já que em ambas, a fruta aparece partida, com sementes no seu interior. Por fim, a variante 4, que é uma



composição entre a variante 2 e 3. É possível que o sinal SONO tenha aparecido para especificar o sinal com as sementes, já que ele também foi utilizado para goiaba.


O último item a ser descrito é PONTO DE ÔNIBUS. Este item foi produzido de 4 formas diferentes, conforme a imagem a seguir.

Quadro 8 - Variante do sinal de PONTO DE ÔNIBUS





**Fonte:** elaborado pelo autor (2020)

Na primeira variante, vemos a mão não dominante com a configuração 26 () com a palma para o lado e a ponta do dedo para cima, e a mão dominante com a configuração 8 () com a palma para baixo tocando a ponta do dedo indicador da mão não dominante. O sinal não tem movimento e o ponto de articulação é o espaço neutro. O sinal é realizado no espaço esquemático, pois reduz a escala da placa de ônibus. Como já dito, não há movimento e a configuração é de entidade inteira nas duas mãos, uma vez que a mão não dominante representa uma haste e a mão dominante representa a placa em si.

A segunda variante apresenta as duas mãos em configuração 52 () , acima da cabeça, sem contato, com um movimento em arco para frente. O sinal é feito no espaço



esquemático, reduzindo a escala da cobertura do ponto de ônibus, com um movimento de formato e uma configuração de forma, descrevendo a superfície da cobertura.

A variante 3 apresenta duas mãos com configurações diferentes. Na mão base, temos a configuração 70(  ) com a palma voltada para o corpo e os dedos para cima. Já na mão dominante, temos a configuração 52 (  ) com a palma voltada para baixo, tocando com a palma a ponta dos dedos da mão não dominante. Não há movimento no sinal e ele é produzido no espaço neutro. Quanto às unidades de sua representação, entendemos que o sinal é produzido no espaço esquemático, com a escala do ponto de ônibus reduzida, não há movimento, e a configuração de ambas as mãos é de entidade inteira. A mão dominante representa como um todo a cobertura do ponto de ônibus, enquanto que a mão não dominante representa suas hastes.

A variante 4 é uma composição entre as variantes 1 e 2, que apresentam referenciais visuais diferentes para um ponto de ônibus. É possível que o sinalizante estivesse descrevendo tanto a placa como a cobertura como sendo partes de um único ponto de ônibus, ou pode ser que ele apresentado as duas variantes para ser mais assertivo.

Em suma, as variantes apresentaram diversos níveis de representação, de acordo com as unidades de representação encontradas. A partir desta descrição, percebemos que há na Libras, assim como em outras línguas de sinais, mecanismos linguísticos geradores de itens lexicais. Estes mecanismos atuam na combinação de unidades de representação relacionados ao espaço, ao movimento e às configurações de mão. É importante perceber que a produção de sinais de representação não é aleatória, pois envolve combinações complexas destas unidades.

O fenômeno da iconicidade sobre as línguas de sinais tem uma interferência significativa no léxico da Libras, muito mais do que as onomatopeias em relação às línguas orais. É possível que em tempos remotos, os seres humanos ouvintes tenham se valido de onomatopeias para gerar seu léxico, mas isso na Libras, assim como em outras línguas de sinais, acontece ainda hoje. Ao observarmos os resultados sociolinguísticos, encontraremos mais subsídios para esta discussão. A seguir, apresentaremos uma análise quantitativa sociolinguística dos dados coletados, a partir das variáveis sexo, escolaridade e região.



## **6.2 Análise sociolinguística dos dados**

Nesta seção apresentaremos a análise quantidade dos dados, separando-as em variação social (diastrática) e variação regional (diatópica). Na variação social, analisaremos as variáveis sexo e escolaridade. No entanto, Antes de iniciar a análise quantitativa, vimos a importância de trazer brevemente a experiência de coletar dados em Libras, já que esta prática ainda vem se desenvolvendo, no intuito de apresentar as dificuldades e facilidades que encontramos neste processo. Por se tratar de um relato de experiência, escreveremos este relato em primeira pessoa.

## **6.3 A experiência de coleta de dados linguísticos da Libras**

Quanto aos dados coletados no município de São Miguel dos Campos, busquei o telefone de uma escola pública da cidade e eu entrei em contato com o diretor da escola e combinamos um encontro. Senti dificuldades pelo fato de que a escola não estava muito confortável em me receber, pois eles não tinham se planejado para isto. Desisti desta alternativa e pensei em ir na residência destes alunos surdos, que seriam quatro surdos. Eu obtive informações destes alunos surdos através do diretor da escola na qual eu tinha ido visitar. Vale salientar que eu precisava entrevistar dois alunos do ensino médio e dois alunos do ensino superior, por isso, entrei em contato com um amigo para que ele me apresentasse duas pessoas que estivessem estudando no ensino superior. Com as informações colhidas, eu tentei o contato pelo WhatsApp e, já que tenho conhecimento de que muitos surdos não têm uma compreensão muito clara do português escrito, principalmente os surdos dos interiores, resolvi fazer um vídeo sinalizando e também fiz chamadas de vídeo para conversar e poder explicar o objetivo das entrevistas com estes alunos

Combinamos de nos encontrar em um mesmo momento, indo com um amigo surdo em seu carro. Nós fomos de casa em casa e, em cada uma delas, meu amigo filmou a entrevista com a câmera do meu celular na posição horizontal. No início eu pedi para que eles assinassem o termo de consentimento livre e esclarecido e em seguida, iniciei a entrevista. Eu mostrei cada imagem impressa para a câmera e depois para o surdo e pedi para que ele falasse sobre a imagem, para que assim eu pudesse coletar os sinais dos referentes da pesquisa. Realizei as entrevistas com as filmagens destes alunos surdos e armazenei todo esse material por mim colhido.

Um segundo momento aconteceu em Arapiraca com a permissão do diretor Hugo liberando o espaço da escola para as filmagens. Combinamos um horário e ao chegar à escola,

escolhi e organizei uma sala para filmagem. Como não havia alguém para segurar o celular, utilizamos livros para apoiar o celular. O celular estava na horizontal e tive o cuidado para que o ângulo captasse a minha sinalização e a do participante, assim como as figuras que eu estaria apresentando. Pedi para que assinassem os termos e entrevistei um a um. Tive o cuidado de manter os surdos fora do espaço da coleta, para que eles não tivessem acesso às figuras antes da coleta e isso interferisse nas suas respostas. Um outro amigo, mais uma vez, me ajudou a encontrar pessoas do ensino superior, às quais entrevistei em suas casas.

Em Maceió, fui à Escola Estadual Tavares Bastos e realizei o mesmo procedimento utilizado em Arapiraca. Entrevistei os surdos numa sala sem pessoas assistindo, com a minha câmera do celular posta sobre livros. Quanto aos surdos do ensino superior, eu já conhecia alguns, então entrei em contato e fui à casa de cada um deles coletar os dados. Apresentaremos a seguir os resultados da análise sociolinguística

#### **6.4 Variáveis sociais**

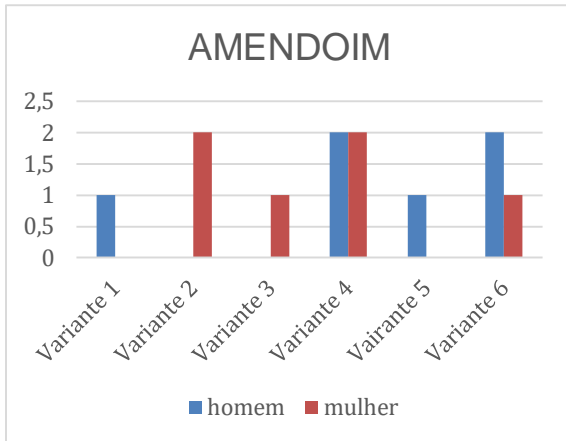
Antes de apresentar os resultados item por item, se faz necessário considerar a amostra coletada para análise. Segundo Labov (1972), seria necessária uma quantidade de participantes maior para ser representativa da comunidade de fala. A quantidade de participantes desta pesquisa no que se refere a homens e mulheres, e a surdos do ensino médio ou superior não nos deixa chegar a conclusões efetivas sobre o uso real da Libras pelos surdos de Alagoas, porém, é possível que encontremos pistas quanto o uso da Libras no estado que, futuramente, poderão ser investigadas mais a fundo, portanto, entendemos a relevância destes resultados e deste trabalho como um todo.

Dito isto, apresentaremos as variáveis sociais, aqui divididas em variável sexo e variável escolaridade. Apresentaremos gráficos com os resultados e discutiremos os resultados em seguida.

#### **6.5 Variável Sexo**

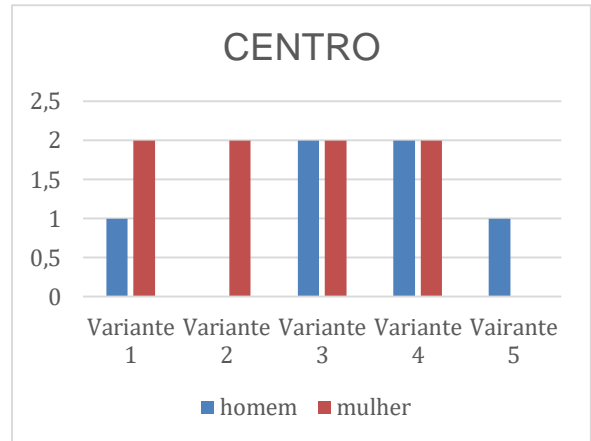
Os gráficos a seguir representam os resultados quantitativos para a variável sexo. De acordo com os gráficos, não há efeito da variável sexo na distribuição do uso das variantes de cada item lexical investigado, visto que tanto homens quanto mulheres produzem variantes diversificadas.

Gráfico 2 - VS Amendoim



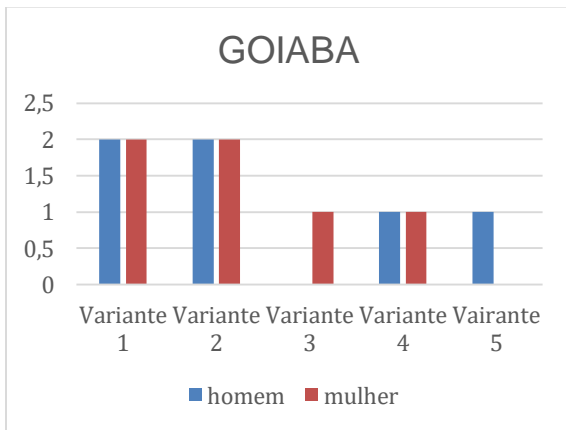
Fonte: elaborado pelo autor (2020)

Gráfico 3 - VS Centro



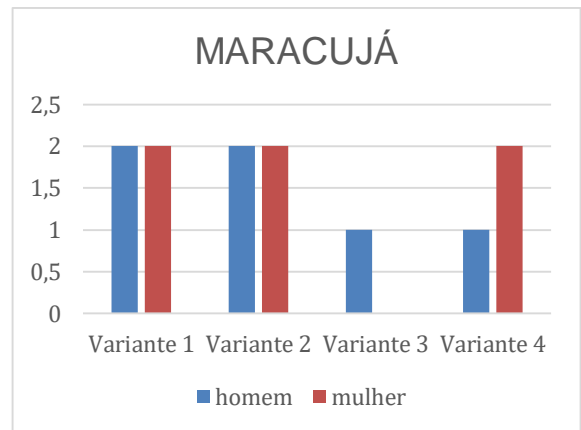
Fonte: elaborado pelo autor (2020)

Gráfico 4 - VS Goiaba



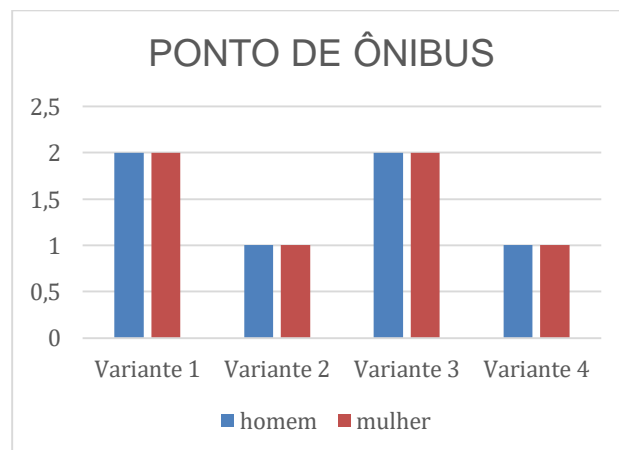
Fonte: elaborado pelo autor (2020)

Gráfico 5 - VS Maracujá



Fonte: elaborado pelo autor (2020)

Gráfico 6 - VS Ponto de ônibus

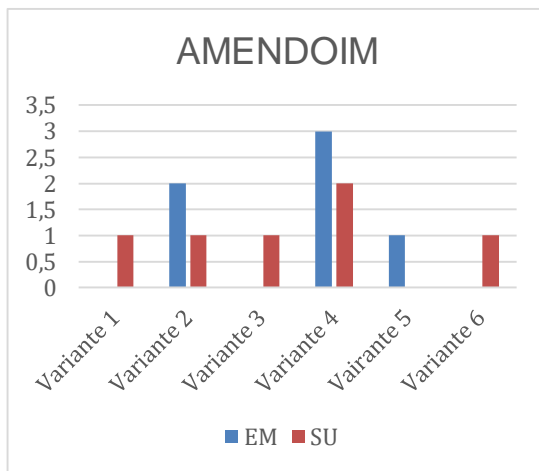


Fonte: elaborado pelo autor (2020)

## 6.6 Variável Escolaridade

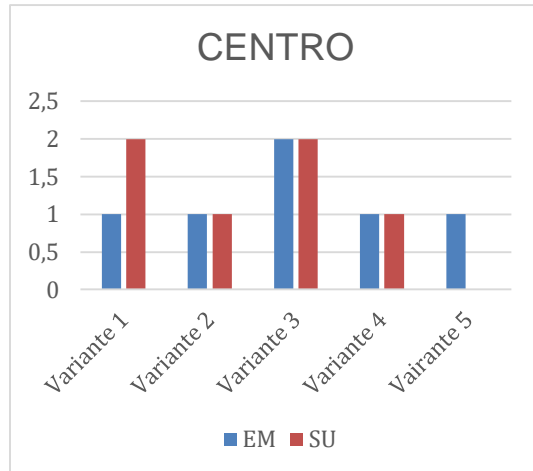
Os gráficos a seguir representam os resultados quantitativos para a variante escolaridade. Do mesmo modo que a variável sexo, não há efeito da escolaridade na distribuição do uso por variante. É possível observar que os participantes de mesma escolaridade produziram variantes diversas, também utilizadas por participantes de escolaridade distinta.

Gráfico 7 - VE Amendoim



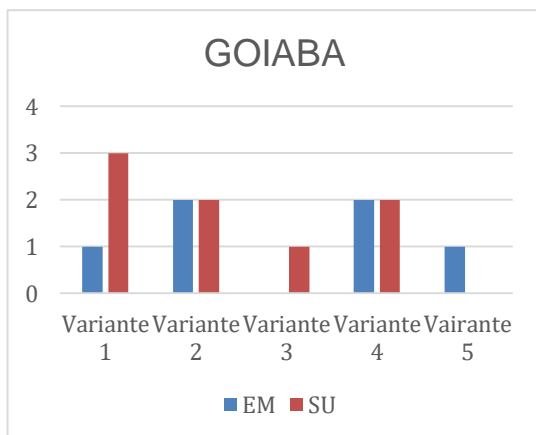
Fonte: elaborado pelo autor (2020)

Gráfico 8 - VE Centro



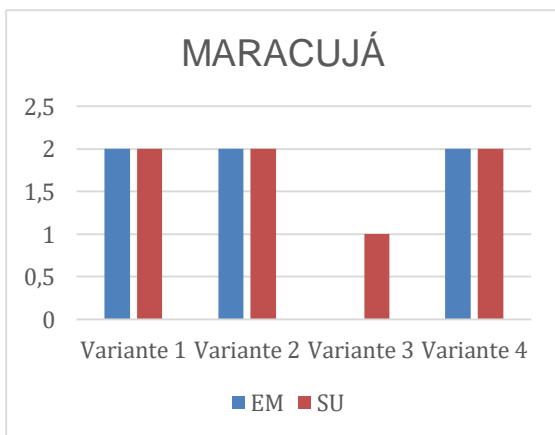
Fonte: elaborado pelo autor (2020)

Gráfico 9 - VE Goiaba



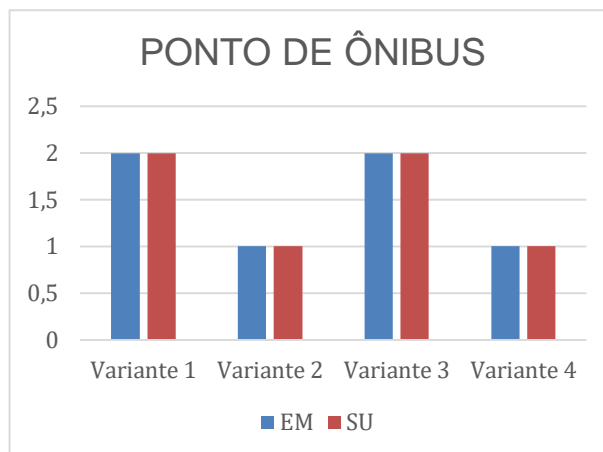
Fonte: elaborado pelo autor (2020)

Gráfico 10 - VE Maracujá



Fonte: elaborado pelo autor (2020)

Gráfico 11 - VE Ponto de Ônibus

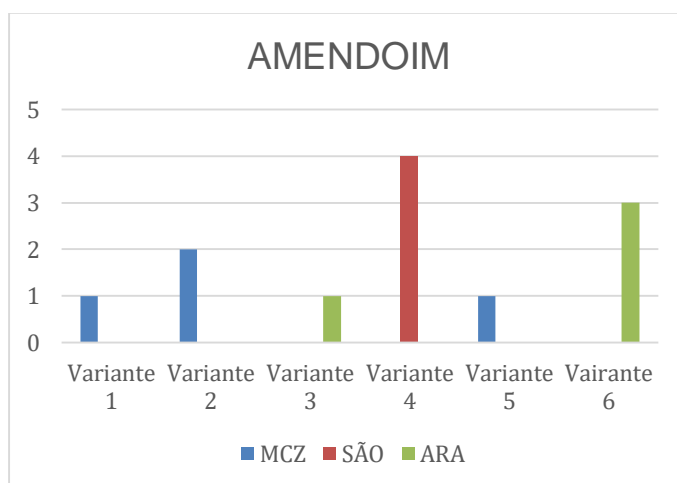


**Fonte:** elaborado pelo autor (2020)

### 6.7 Variável regional

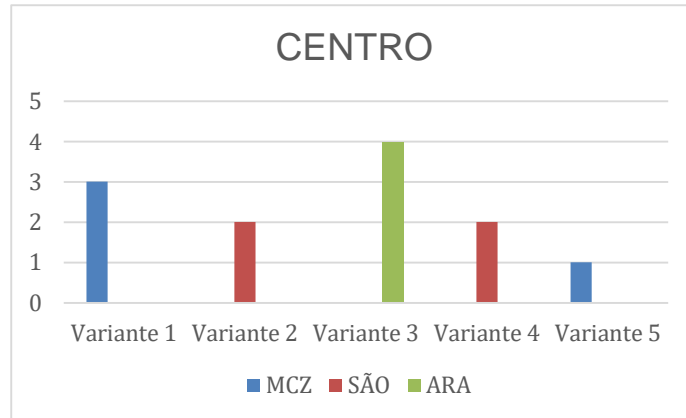
Os resultados para esta variável foram mais significativos. Os gráficos mostram que o uso de cada variante é distribuído de acordo com a região do falante. Com exceção do item GOIABA, não há sobreposição de uso de variante entre regiões distintas para nenhum dos outros itens lexicais, indicando harmonia de uso regional nos casos investigados.

Gráfico 12 - VR Amendoim



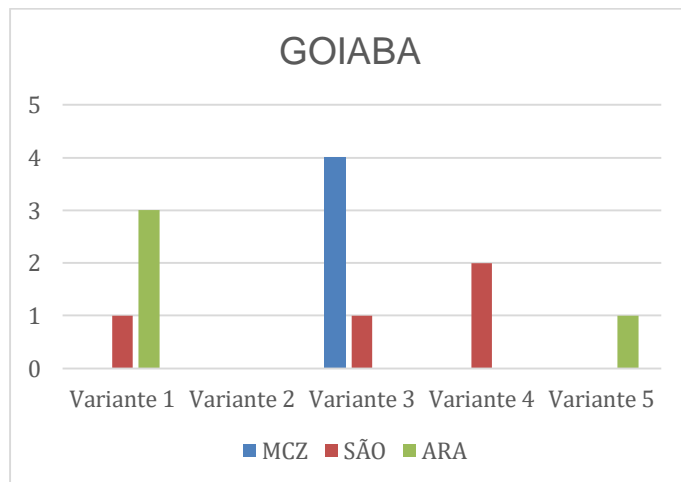
**Fonte:** elaborado pelo autor (2020)

Gráfico 13 - VR Centro



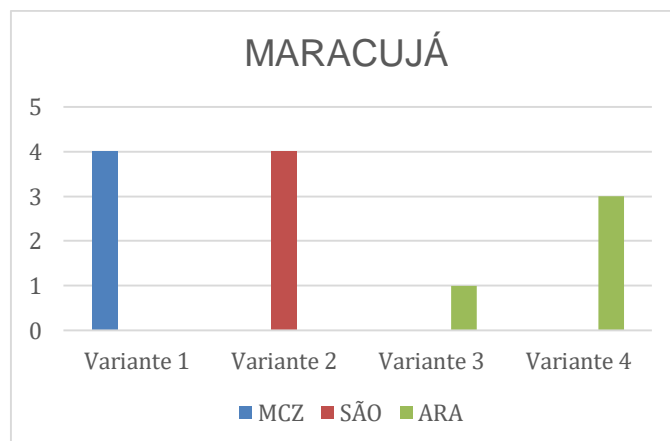
**Fonte:** elaborado pelo autor (2020)

Gráfico 14 - VR Goiaba



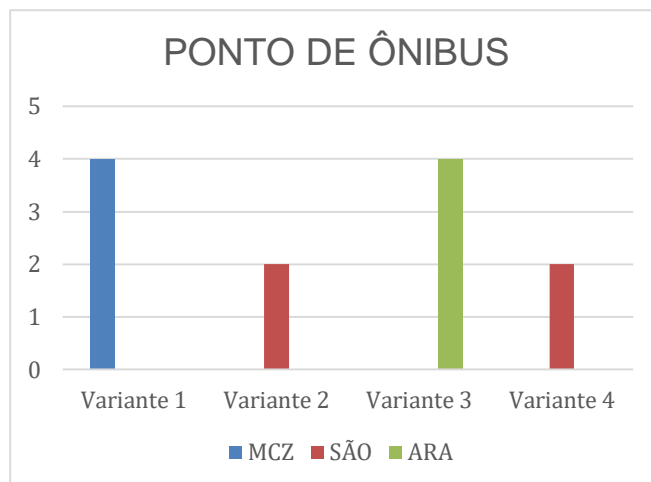
**Fonte:** elaborado pelo autor (2020)

Gráfico 15 - VR Maracujá



**Fonte:** elaborado pelo autor (2020)

Gráfico 16 - VR Ponto de ônibus



**Fonte:** elaborado pelo autor (2020)

Os itens MARACUJÁ e PONTO DE ÔNIBUS apresentaram maior demarcação regional. Para o primeiro caso, todos os surdos de Maceió produziram a variante com a mão no peito, todos falantes de São Miguel produziram a variante com o sinal correspondente a SONO e três dos quatro surdos de Arapiraca produziram o sinal com a mão apontando as sementes. Para o item PONTO DE ÔNIBUS, todos os falantes de Maceió produziram a variante correspondente a uma placa, todos os falantes de Arapiraca produziram um sinal com um classificador de uma banco com cobertura e os surdos de São Miguel produziram sinais representando uma cobertura sobre a cabeça, dois de forma isolada e dois em composição com outro sinal.

## 6.8 Resultados gerais

Nessa análise, concluímos que as variáveis sociais não são fatores decisivos para a seleção e uso de variantes específicas dos itens lexicais aqui investigados. Por outro lado, o fator região incide diretamente na distribuição das variantes por participante, apontando uma estratificação bem delimitada na amostra em questão.

Vale ressaltar que, se considerarmos as múltiplas regiões, as variantes aumentam significativamente em quantidade (entre 4 e 6 registros por item) e, mesmo em condições de região compartilhada, os itens apresentam variantes diversas (de 1 a 3 registros por região), o que parece afastar os itens da possibilidade de um uso padrão ou predominante. Um fator que pode justificar esse número de variantes por item é o caráter referencial icônico presente em línguas de sinais.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Concluimos que as variáveis sociais sexo e escolaridade não interferem na produção lexical dos surdos dos três municípios. Quanto à variação regional, como resultados mais significativos, vimos que, exceto em GOIABA, todos os outros itens apresentaram variantes diferentes, por região, ou seja, os falantes de Maceió sempre produziram uma variante diferente de São Miguel e de Arapiraca, e de São Miguel sempre produziram variantes diferentes de Maceió e Arapiraca.

Sugerimos, como análises futuras, um aumento na amostra de participantes e o cruzamento das variáveis, sobretudo as de escolaridade e região, considerando que a maior parte da população surda com nível superior se concentra na capital. Nesse caso, podendo utilizar outros procedimentos metodológicos previstos por Labov, já que nessa pesquisa não foram contemplados todos esses procedimentos. Além disso, outras variáveis podem ser observadas, como o tempo de uso da língua, o tipo de surdez, entre outras informações contextuais importantes para estudos com essa população.



## REFERÊNCIAS

BAKER, C.; PADDEN, C. American Sign Language: a look at its history, structure and community. 20. ed. Carrollton: T.J. Publishers, 2005.

BATTISON, R. Lexical Borrowing in American Sign Language. Silver Springs, MD: Linstok, 1978.

BATTISON, R. Phonological Deletion in American Sign Language. In: Sign Language Studies, 1974.

BATTISON, Robbin. "Phonological Deletion in American Sign Language". Sign Language Studies 5, pp. 1–19, 1974.

BATTISON, Robbin. "Signs Have Parts: A Simple Idea". In: BAKER, Charlotte. BATTISON, Robbin. (Eds.) Sign Language and the Deaf Community: Essays in honor of William C. Stokoe. Washington: National Association of the Deaf, 1980. p. 35-52.

BRENTARI, D. Modality differences in sign language phonology and morphophonemics. In: MEIER, R.P.; CORMIER, K.; QUINTOPOZOS, D. Modality and structure in signed and spoken languages. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

CAPOVILLA, Fernando Ceésar; RAPHAEL, Walkiria Duarte; MAURICIO, Aline Cristina. Novo Deit-Libras – Dicionário Enciclopédico ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira: volume 2.2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo-EDUSP, 2012.

CHOMSKY, N. Aspects of the Theory of Syntax. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1965.

CRASBORN, O. The resting hand. In: VAN DER HULST, H.; CHANNON, R. The phonetics and phonology of sign languages: first SignTyp Conference. Storrs: University of Connecticut, 2008. p. 12-3.

DIZEU, Liliane Correia Toscano de Brito. "PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA UMA INVESTIGAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA COM A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS", p.61-70. In Raquel Meister Ko. Freitag (Organizadora). Metodologia de Coleta e Manipulação de Dados em Sociolinguística, São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2014.

FARIA-NASCIMENTO, Sandra Patrícia de. Representações lexicais da LSB: uma proposta lexicográfica. 2009. Tese (Doutorado em Linguística). Brasília, Universidade de Brasília, Instituto de Letras, 2009.

FELIPE, T. A. A estrutura frasal na LSCB. In: *Anais do IV Encontro Nacional da ANPOLL*, Recife, 1989, p.663-672.

FERREIRA BRITO, Lucinda. Por uma gramática línguas de sinais. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro 1995

FERREIRA, L. Por uma gramática de língua de sinais. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

FINAU, R. Possíveis encontros entre cultura surda, ensino e linguística. In: QUADROS, R.M. (Org.). Estudos Surdos I. Petrópolis: Arara Azul, 2006. p. 216-51.

FISCHER, S. More than just handwaving: the mutual contributions of sign language and Linguistics. In: EMMOREY, K.; LANE, H. The signs of language revisited: an anthology to honor Ursula Bellugi and Edward Klima. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, 2000. p. 195-213.

GESSER, A. Do patológico ao cultural na surdez: para além de um e de outro ou para uma reflexão crítica dos paradigmas. Trabalhos em Linguística Aplicada, Campinas, v. 47, n. 1, p. 223-39, jan./jun. 2008.

GROLLA, E.; SILVA M. C. F. Para conhecer aquisição da linguagem. São Paulo: Contexto, 2014.

HAND TALK. Disponível em: <<https://play.google.com/store/apps/details?id=br.com.handtalk>>. Acesso em: 05 abr. de 2020

IMAGEM Google. Disponível em: <<https://images.app.goo.gl/3ipkK6b3JH9tT3xb7>>. Acesso em: 03 de outubro de 2019.

IMAGEM Google. Disponível em: <<https://images.app.goo.gl/4SXCSz8HUT4T18uXA>>. Acesso em: 03 de outubro de 2019.

IMAGEM Google. Disponível em: <<https://images.app.goo.gl/Nwxszu4h8XtUgwRc7>>. Acesso em: 03 de outubro de 2019.

IMAGEM Google. Disponível em: <<https://images.app.goo.gl/ZHWYtF8bL99kApGe8>>. Acesso em: 03 de outubro de 2019.

IMAGEM Google. Disponível em: <<https://images.app.goo.gl/ZSrKSPuj8g26pfAW6>>. Acesso em: 03 de outubro de 2019.

JOHNSON, R.E.; LIDDELL, S.K. Toward a phonetic representation of signs: sequentiality and contrast. Sign Language Studies, Washington, v. 11, n. 2, p. 241-74, win. 2010.

JOHNSTON, T.; SCHEMBRI, A. Australian Sign Language: An Introduction to Sign Language Linguistics. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

Kenedy (2016 apud Moraes, 2018, p. 62) o léxico “é o conjunto das informações sobre morfemas, palavras e expressões que se encontram estocadas na mente humana e são acessadas pelo Sistema Computacional durante a derivação de representações linguísticas”

LABOV, W. Padrões sociolinguísticos. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].

LIDDELL, S. K.; JOHNSON, R. E. (1989). American Sign Language: The Phonological Base. In: Valli, C.; Lucas, C. (Orgs.). *Linguistics of American Sign Language: an introduction*. Washington, D. C.: Clerc Books/Gallaudet University 2000. p. 267-306.

LIDDELL, S.K. Structures for representing handshape and local movement at the phonemic level. In: FISCHER, S.D.; SIPLE, P. *Theoretical Issues in Sign Language Research*. vol. 1. Chicago: University of Chicago Press, 1991. p. 37-65.

LIDDELL, Scott. *Grammar, gesture and meaning in american sign language*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LILLO-MARTIN, D. C. (1986) Parameter setting: evidence from use, acquisition, and breakdown in American Sign Language. Doctoral Dissertation. University of California, San Diego. University Microfilms International. Ann Arbor. Michigan.

MARSHALL, C.R. Sign language phonology. In: KULA, N.C.; BOTMA, B.; NASUKAWA, K. (Ed.). *Continuum companion to phonology*. London/New York: Continuum International Publishing Group, 2011. p. 254-77.

MCCLEARY, L.; VIOTTI, E. *Língua e gesto em línguas sinalizadas*. Veredas, Juiz de Fora, n. 1, p. 289-304, 2011.

MCINTIRE, M.L. The acquisition of American Sign Language hand configurations. *Sign Language Studies*, Washington, v. 16, p. 247-66, 1977.

MORALES-LÓPEZ, E. et al. The verbal system of Catalan Sign Language (LSC). *Sign Language Studies*, Washington, v. 5, n. 4, p. 441-96, sum. 2005.

PADDEN, C. Grammatical theory and signed languages. In *Linguistics: The Cambridge Survey* (Frederick J. Newmeyer, editor). New York: Cambridge University Press. 250-265.1988.

PADDEN, C. The deaf community and the culture of deaf people. In: BAKER, C.; BATTISON, R. (Ed.). *Sign language and the deaf community: essays in honor of William C. Stokoe*. Washington: National Association of the Deaf, 1980.

QUADROS, R. M. de & KARNOPP, L. *Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos*. ArtMed: Porto Alegre, 2004.

QUADROS, R.M. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

QUADROS, Ronice Müller de. *Libras Ronice Müller de Quadros*. Editores científicos Tommaso Raso, Celso Ferrarezi Jr. – 1. Ed. – São Paulo: Parábola, 2019.

ROSA, A.S. *Entre a visibilidade da tradução da língua de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete*. Petrópolis: Arara Azul, 2008.

SANDLER, W. A Sonority Cycle in American Sign Language. *Phonology*, Cambridge, v. 10, n. 2, p. 243-279, 1993.

SANTOS, Marcos de Moraes. Semântica da Libras: hieperomônios e hipônimos e o desenvolvimento lingüístico da criança surda, 2018.

SANTOS, R.; VITÓRIO, E. Uma rodada no GOLDVARB X. In: COSTA, J.; SANTOS, R.; VITÓRIO, E. (Org.). Variação e mudança linguística no estado de Alagoas. Maceió: EDUFAL, 2011, p. 18.

SANTOS, Thiago Bruno de Souza. Traços distintivos para os pontos de articulação em línguas de sinais: uma revisão conceitual, 2020.

SAUSSURE, F. de (1916). Curso de lingüística geral. São Paulo: Cultrix, 2006.

SIEDLECKI, T. Jr. & BONVILLIAN, J. Location, handshape and movement: Young children's acquisition of the formational aspects of American Sign Language. In: Sign Language Studies 78, p. 31-52, 1993.

SKLIAR, Carlos Bernardo. A invenção e a exclusão da alteridade deficiente a partir dos significados da normalidade in: Revista Educação & Realidade, Porto Alegre, 2000.

STOKOE, W. C. Sign language structure. An outline of the visual communication system of the American deaf. Studies in Linguistics Occasional Papers 8. Buffalo: University of Buffalo Press, 1960.

STOKOE, W.C.; CASTERLINE, D.C.; CRONENBERG, C.G. (1965). A dictionary of American Sign Language. Washington DC: Gallaudet College Press.

STROBEL, Karin. As imagens do outro sobre a cultura surda. 2. ed. rev. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2009.









TARALLO, F. A pesquisa sociolingüística. 7. ed. São Paulo: Ática, 2003.

WANDERLEY, Débora Campos. A classificação dos verbos com concordância da língua brasileira de sinais: Uma análise a partir do Signwriting. 2017. 336 fls. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

WOODWARD, James C.; et al. "Facing and handling variation in American Sign Language phonology". *Sign Language Studies* 10, pp. 43-51, 1976.

XAVIER, A.N. Descrição fonético-fonológica dos sinais da língua brasileira de sinais (libras). 2006. 175f. Dissertação (Mestre) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

APÊNDICE: Variáveis sinais

<p>IMAGEM</p>  <p>CENTRO</p>	<p>VARIANTE I</p> 	<p>VARIANTE II</p> 	<p>VARIANTE III</p> 	<p>VARIANTE IV</p> 	<p>VARIANTE VI</p> 	<p>VARIANTE VII</p> 	<p>VARIANTE VIII</p> 
---	--	--	--	---	---	--	---

<p>IMAGEM</p>  <p>PONTO DE ÔNIBUS</p>	<p>VARIANTE I</p> 	<p>VARIANTE II</p> 	<p>VARIANTE III</p> 	<p>VARIANTE IV</p> 	<p>VARIANTE VI</p>	<p>VARIANTE VII</p>	<p>VARIANTE VIII</p>
---	--	--	--	---	--------------------	---------------------	----------------------


IMAGEM	VARIANTE I	VARIANTE II	VARIANTE III	VARIANTE IV	VARIANTE VI	VARIANTE VII	VARIANTE VIII
 <p>MARACUJÁ</p>				 			




















IMAGEM		
VARIANTE I		
VARIANTE II		
VARIANTE III		
VARIANTE IV		
VARIANTE VI		
VARIANTE VII		
VARIANTE VIII		



IMAGEM	VARIANTE I	VARIANTE II	VARIANTE III	VARIANTE IV	VARIANTE VI	VARIANTE VII	VARIANTE VIII
 <p>AMENDOM</p>							

## ANEXO I – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (Elaborado de acordo com a Resolução 466/2012-CNS/CONEP)

Convidamos V.Sa. a participar da pesquisa de mestrado intitulada **A VARIAÇÃO LEXICAL EM LIBRAS EM TRÊS MUNICÍPIOS DO ESTADO DE ALAGOAS**, desenvolvida sob responsabilidade e orientação do pesquisador Prof. Dr. Adeilson Pinheiro Sedrins e do Prof. Jerlan Pereira Batista, aluno de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas.

O objetivo da pesquisa é descrever e analisar a variação no uso de sinais em Libras, por usuários surdos dessa língua, em três municípios do Estado de Alagoas: Maceió, São Miguel dos Campos e Arapiraca. A pesquisa busca verificar se há diferenças de usos de sinais entre essas três cidades e, em caso afirmativo, buscar caracterizar essas diferenças de acordo com o aparato de teorias da Linguística Contemporânea.

A importância deste estudo se dá ao permitir descrever e refletir sobre a variação de uso de sinais em Libras, a fim de compreender como o fenômeno da variação pode se organizar nessa língua. Estudos sobre Libras ainda são escassos e mais ainda estudos sobre o uso dessa língua no Estado de Alagoas.

Para a sua participação como informante desta pesquisa, iremos filmar um teste de coleta de dados, que consiste em apresentar para o informante quatro imagens numa folha de papel, tendo o informante que fazer o sinal em Libras correspondente ao item que aparece em cada uma das imagens. Você terá também que responder a um questionário (uma ficha social), com questões pessoais, a fim de que possamos obter informações sobre seu perfil social e biológico. As informações do questionário poderão servir para interpretação dos dados em nosso estudo.

Esclarecemos que sua imagem, através de recortes do vídeo gravado, no ato da filmagem, poderá ser apresentada no texto escrito da pesquisa, uma vez que torna-se necessário apresentar o dado da maneira em que foi sinalizado pelo informante. Além da sua imagem, realizando o sinal, informações como nome pessoal, telefone, endereço eletrônico, endereço residencial serão mantidas sob sigilo absoluto, durante e após o término do estudo. As únicas informações pessoais que poderão aparecer na pesquisa para divulgação serão: escolaridade, idade, sexo, cidade em que reside, tipo de surdez.

Informamos também que após o término da pesquisa, as gravações e as fichas sociais poderão ser doadas ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura, a fim de que possam fomentar novas pesquisas.

A fim de buscar oferecer uma situação de conforto e comodidade, a sua entrevista poderá ser realizada em um local de sua preferência.

Caso venha a sentir algum desconforto durante a filmagem, comunique ao pesquisador para que sejam tomadas as devidas providências: será assegurada a sua desistência a qualquer momento da entrevista sem nenhum dano para você ou para a pesquisa.

Os benefícios esperados com o resultado desta pesquisa são os seguintes: uma descrição sociolinguística do fenômeno da variação em Libras nos três municípios citados do Estado alagoano, inserindo o estudo da Libras usada nessas três localidades na agenda dos estudos descritivos e sociolinguísticos realizados no país e, com a disponibilização dos dados transcritos, fomentar novas pesquisas acerca de outros fenômenos da comunidade.

O(A) senhor(a) terá os seguintes direitos: a garantia de esclarecimento e resposta a qualquer pergunta; a liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento sem prejuízo para si. Não haverá nenhum pagamento pela sua participação na pesquisa.

Nos casos de dúvidas e esclarecimentos o(a) senhor(a) deve contactar os pesquisadores Adeilson Pinheiro Sedrins ([sedrins@gmail.com](mailto:sedrins@gmail.com) – celular 87 9 9602-1703), Jerlan Pereira Batista ([batistajerlan@gmail.com](mailto:batistajerlan@gmail.com)) e/ou pelo telefone (82) 9 99335-9066, ou ainda pelo endereço da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas, localizada à Av. Lourival Melo Mota, s/n - Cidade Universitária, Maceió - AL, 57083-410.

Caso suas dúvidas não sejam resolvidas pelos pesquisadores ou seus direitos sejam negados, favor recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Alagoas. O Comitê de Ética em Pesquisa está localizado no térreo do prédio do Centro de Interesse Comunitário (CIC), entre o Sintufal e a Edufal, no Campus A. C. Simões, Cidade Universitária. O atendimento ao público ocorre pela manhã das **7h às 12h de segunda-feira à sexta-feira**. O atendimento online pode ser feito através do e-mail [comitedeeticaufal@gmail.com](mailto:comitedeeticaufal@gmail.com) ou pelo telefone **3214-1041**.

**Consentimento Livre e Esclarecido**

Eu

\_\_\_\_\_

após ter recebido todos os esclarecimentos e ciente dos meus direitos, concordo em participar desta pesquisa, bem como autorizo a divulgação e a publicação de toda informação por mim transmitida, exceto dados pessoais, em publicações e eventos de caráter científico. Desta forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do(s) pesquisador (es).

Local:

Data: \_\_/\_\_/\_\_

\_\_\_\_\_

Assinatura do informante voluntário  
(ou responsável)

\_\_\_\_\_

Assinatura do pesquisador responsável pela coleta do dado

**ANEXO II – Ficha Social do Informante**

Universidade Federal de Alagoas  
Faculdade de Letras  
Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura

**Projeto de pesquisa:**  
**A VARIAÇÃO LEXICAL EM LIBRAS EM TRÊS MUNICÍPIOS DO ESTADO DE ALAGOAS**

Orientador: Prof. Dr. Adeilson Pinheiro Sedrins (UFRPE/UFAL – Siape 1700125)  
Orientando: Jerlan Pereira Batista – Matrícula: 2018105070

**FICHA SOCIAL DO INFORMANTE**

Número do processo no comitê de ética: \_\_\_\_\_

Número de identificação do informante: \_\_\_\_\_

**DADOS PESSOAIS DO INFORMANTE**

1. Nome:
2. Data de nascimento:
3. Sexo:
4. Idade:
5. Endereço residencial:
6. Estado civil:
7. Naturalidade:
8. Com que idade chegou a esta cidade? (Caso não seja natural da localidade)
9. Domicílios e tempo de permanência fora da localidade:
10. Escolaridade:

11. Tempo de escolarização?

12. Em que escola finalizou a última série estudada (ou cursa atualmente)?

13. Se não está estudando e já estudou, há quanto tempo está fora da escola/universidade?

14. As séries que frequentou eram em salas regulares ou para alunos surdos?

15. Fez outro(s) curso(s) de formação? Quais? Há quanto tempo?

16. Naturalidade

a) do pai:

b) da mãe:

c) do cônjuge:

17. Foi criado pelos próprios pais? Em caso negativo, por quem foi criado e qual a naturalidade de quem o/a criou?

18. É filho de pai surdo?

19. É filho de mãe surda?

20. Tem irmão/irmã surda?

21. Qual sua profissão?

22. Onde exerce sua profissão?

23. Profissão

a) do pai:

b) da mãe:

c) do cônjuge:

d) do responsável que o/a criou

24. Renda familiar (por quantidade de salário mínimo):

### **CONTATO COM MEIOS DE COMUNICAÇÃO**

25. Assiste TV?

26. Programas preferidos (de televisão)

- a) novelas
- b) noticiário
- c) programa religioso
- d) programa de auditório
- e) esportes
- f) filmes
- g) outros (especificar)

27. Utiliza redes sociais para comunicação?

- a) Facebook
- b) Instagram
- c) WhatsApp
- d) outra (especificar)

28. Qual meio de comunicação que mais utiliza? (celular, computador...)

29. Qual a finalidade de uso das redes sociais?

- a) leitura de notícias
- b) comunicação com amigos, familiares
- c) trabalho
- d) outro (especificar)

29. Lê:

- a) jornal impresso
- b) revista impressa
- c) notícias na internet
- d) outro (especificar)

30. É falante de LIBRAS há quanto tempo?

31. Faz parte de alguma associação de surdos? Qual?

32. Frequenta atividades de alguma associação? Qual? Com que frequência?

33. Participação em grupos sociais (indicar a periodicidade).

- a) cinema
- b) teatro
- c) shows
- d) futebol
- e) academia
- f) outros esportes
- g) grupo religioso

34. Tem contato com grupos de surdos? Com que frequência? Com qual finalidade?





35. Qual seu tipo de surdez? Em caso de surdez adquirida, especificar há quanto tempo.

-----



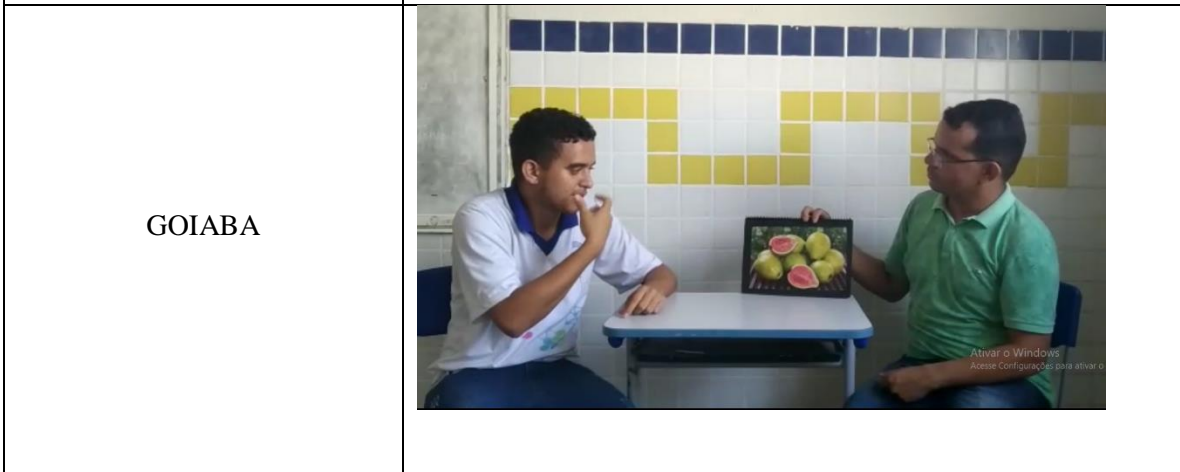
## ANEXO III – Registos de entrevistas três municípios

## MACEIÓ-ALAGOAS

M-EM	
AMENDOIM	 A photograph of an interview. A woman with long dark hair, wearing a black t-shirt and jeans, sits on a blue chair on the left. She is looking towards a man on the right. The man, wearing a light green polo shirt and glasses, sits on a blue chair on the right. He is holding a tablet computer that displays a close-up image of almonds. They are seated at a small white table with a blue edge. The background is a wall with white tiles and a decorative border of yellow and blue tiles. A watermark in the bottom right corner reads "Ativar o Windows. Acesse Configurações para ativar o Win".
CENTRO	 A photograph of an interview. The woman is on the left, looking towards the man on the right. The man is holding a tablet that shows a street scene with buildings and people. The setting is the same as the first photo. A watermark in the bottom right corner reads "Ativar o Windows. Acesse Configurações para ativar o Win".
GOIABA	 A photograph of an interview. The woman is on the left, looking towards the man on the right. The man is holding a tablet that displays several guavas. The setting is the same as the first photo. A watermark in the bottom right corner reads "Ativar o Windows. Acesse Configurações para ativar o Win".
MARACUJÁ	 A photograph of an interview. The woman is on the left, looking towards the man on the right. The man is holding a tablet that displays a glass of orange juice with slices of orange. The setting is the same as the first photo. A watermark in the bottom right corner reads "Ativar o Windows. Acesse Configurações para ativar o Win".



**H-EM**



MARACUJÁ



PONTO DE ÔNIBUS



M-SU

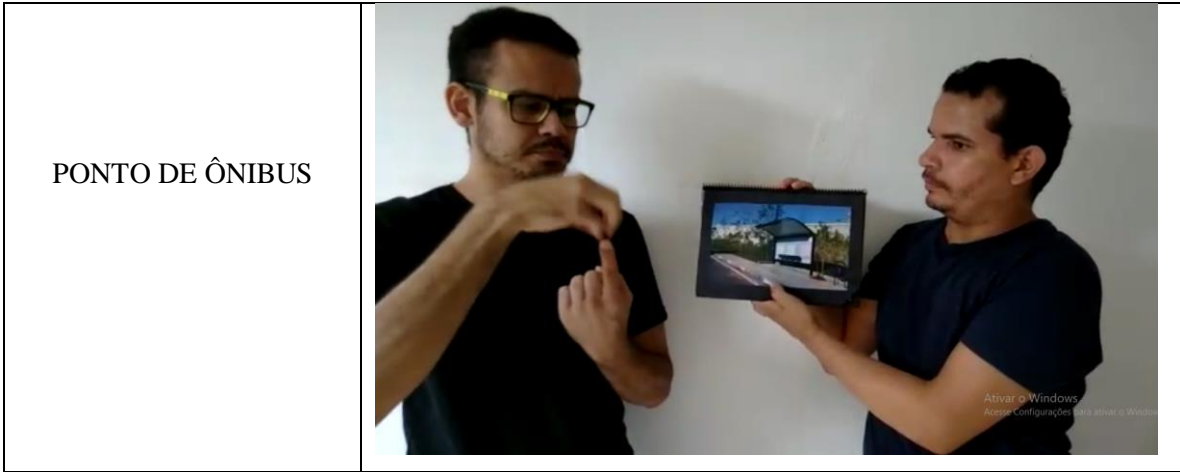
AMENDOIM



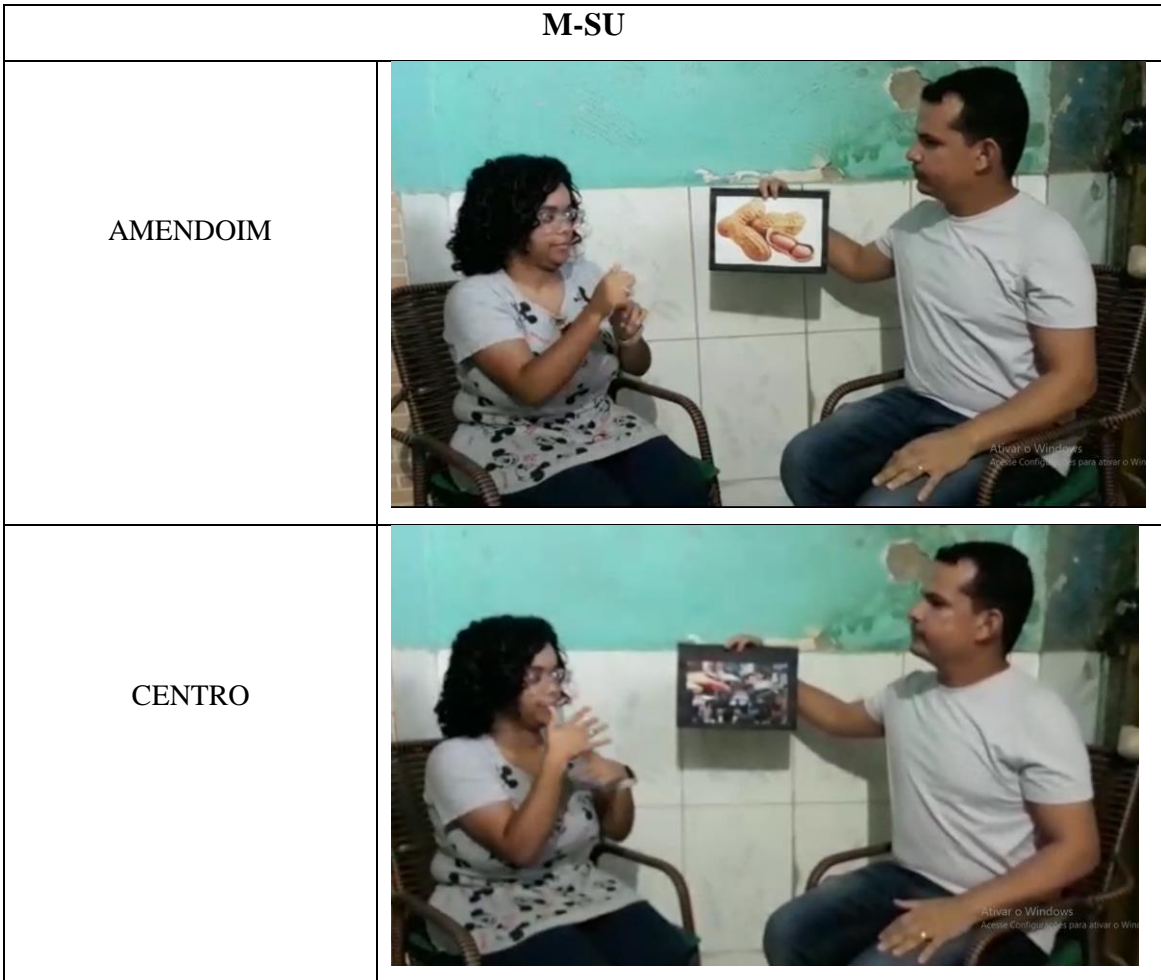
CENTRO	
GOIABA	
MARACUJÁ	
PONTO DE ÔNIBUS	
H-SU	



<p>AMENDOIM</p>	
<p>CENTRO</p>	
<p>GOIABA</p>	
<p>MARACUJÁ</p>	



**SÃO MIGUEL DOS CAMPOS- ALAGOAS**




<p>GOIABA</p>	
<p>MARACUJÁ</p>	
<p>PONTO DE ÔNIBUS</p>	
<p>H-SU</p>	



<p>AMENDOIM</p>	 A photograph showing two men sitting on white chairs against a plain wall. The man on the left is wearing an orange polo shirt and white shorts, and is gesturing with his hands. The man on the right is wearing a light purple t-shirt and dark pants, and is holding a tablet that displays a picture of almonds. A small watermark is visible in the bottom right corner of the image.
<p>CENTRO</p>	 A photograph showing two men sitting on white chairs against a plain wall. The man on the left is wearing an orange polo shirt and white shorts, and is gesturing with his hands. The man on the right is wearing a light purple t-shirt and dark pants, and is holding a tablet that displays a collage of various small images. A small watermark is visible in the bottom right corner of the image.
<p>GOIABA</p>	 A photograph showing two men sitting on white chairs against a plain wall. The man on the left is wearing an orange polo shirt and white shorts, and is gesturing with his hands. The man on the right is wearing a light purple t-shirt and dark pants, and is holding a tablet that displays a picture of guavas. A small watermark is visible in the bottom right corner of the image.
<p>MARACUJÁ</p>	 A photograph showing two men sitting on white chairs against a plain wall. The man on the left is wearing an orange polo shirt and white shorts, and is gesturing with his hands. The man on the right is wearing a light purple t-shirt and dark pants, and is holding a tablet that displays a picture of passion fruit. A small watermark is visible in the bottom right corner of the image.



<p>PONTO DE ÔNIBUS</p>	
------------------------	--

<p>M-EM</p>	
<p>AMENDOIM</p>	
<p>CENTRO</p>	

GOIABA



MARACUJÁ



PONTO DE ÔNIBUS

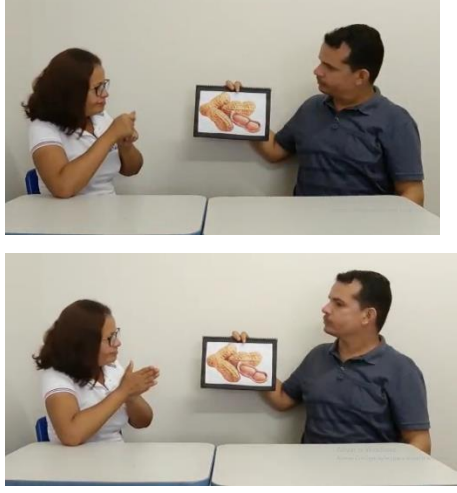







H-EM

<p>AMENDOIM</p>	 <p>A photograph showing two men sitting on a white plastic chair against a plain white wall. The man on the left is wearing a red and black patterned shirt and green shorts. The man on the right is wearing a white t-shirt and dark pants. They are both looking at a tablet held by the man on the right, which displays an image of peanuts. A small watermark in the bottom right corner of the image reads "Ativar o Windows. Acesse Configurações para obter mais informações.".</p>
<p>CENTRO</p>	 <p>Two photographs showing the same two men from the first row. In both photos, the man on the right is holding a tablet that displays a city street scene with buildings and cars. The men are engaged in conversation, with the man on the left gesturing with his hands.</p>
<p>GOIABA</p>	 <p>Two photographs showing the same two men. In both photos, the man on the right is holding a tablet that displays an image of several guavas. The men are looking at the tablet and talking to each other.</p>

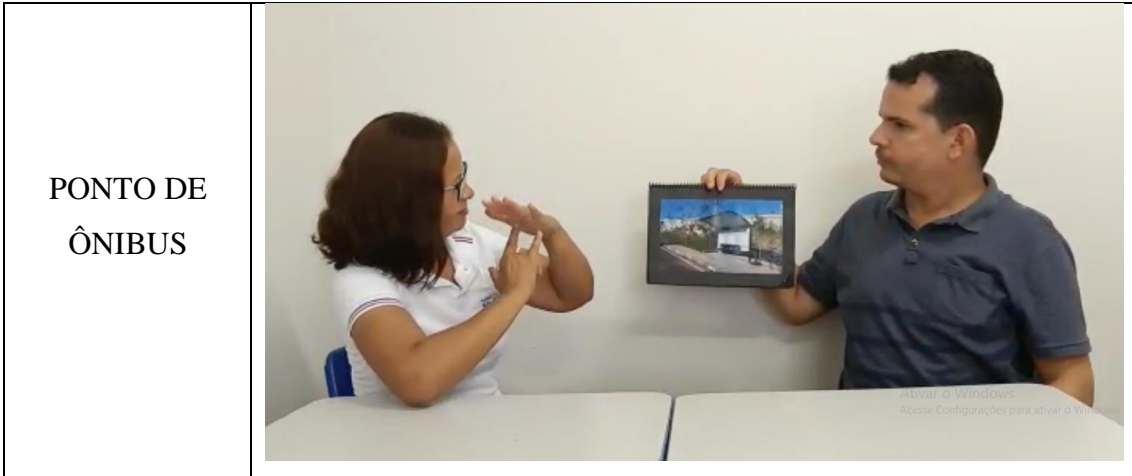
<p>MARACUJÁ</p>	
<p>PONTO DE ÔNIBUS</p>	

**ARAPIRACA- ALAGOAS**

<p><b>M-EM</b></p>	
<p>AMENDOIM</p>	

<p>CENTRO</p>	
<p>GOIABA</p>	 
<p>MARACUJÁ</p>	 





**H-EM**



<p>GOIABA</p>	 <p>The first photograph shows the man in the striped shirt with his hand near his mouth, looking at the tablet. The second photograph shows him with his hand open, gesturing towards the tablet. The tablet displays several images of guavas.</p>
<p>MARACUJÁ</p>	 <p>The first photograph shows the man in the striped shirt gesturing with his hand. The second photograph shows him with his hand near his mouth, looking at the tablet. The tablet displays several images of passion fruit.</p>
<p>PONTO DE ÔNIBUS</p>	 <p>The photograph shows the man in the striped shirt gesturing with his hand. The man in the blue shirt holds a tablet displaying an image of a bus stop. A watermark 'Ativar o Windows' is visible at the bottom of the image.</p>

M-SU

AMENDOIM



CENTRO



GOIABA



MARACUJÁ










H-SU



<p>GOIABA</p>	 <p>Ativar o Windows Acesse Configurações para ativar o Windows</p>
<p>MARACUJÁ</p>	 <p>Ativar o Windows Acesse Configurações para ativar o Windows</p>
<p>PONTO DE ÔNIBUS</p>	 <p>Ativar o Windows Acesse Configurações para ativar o Windows</p>

ANEXO IV: Imagens – Google





